

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

DIRETORIA DE PESQUISAS

n.65

ESTUDO SOBRE CRITÉRIOS DE AÇIONAMENTO
DAS CATEGORIAS DE COR OU RAÇA A PARTIR DE

TESTE PILOTO PARA O
CENSO DEMOGRÁFICO 2022

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Planejamento e Orçamento
Simone Nassar Tebet

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Marcio Pochmann

Diretora-Executiva
Flávia Vinhaes Santos

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas
Gustavo Junger da Silva

Diretoria de Geociências
Maria do Carmo Dias Bueno

Diretoria de Tecnologia da Informação
Marcos Vinícius Ferreira Mazoni

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
José Daniel Castro da Silva

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Paulo de Martino Jannuzzi

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Pesquisas

Coordenação Técnica do Censo Demográfico
Giulia Fortes Scappini

Ministério do Planejamento e Orçamento
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Diretoria de Pesquisas
Coordenação Técnica do Censo Demográfico

Textos para Discussão
Diretoria de Pesquisas
número 65

Estudo sobre critérios de acionamento das categorias de cor ou raça a partir de teste piloto para o Censo Demográfico 2022

Gustavo Junger da Silva
Marta de Oliveira Antunes
Juliana de Souza Queiroz
Paulo Ricardo Silva Moreira
Rodrigo Aires Lemes



Rio de Janeiro
2025

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISSN 1518-675X **Textos para discussão - Diretoria de Pesquisas**

Divulga estudos desenvolvidos por técnicos do IBGE e/ou de outras instituições, bem como resultantes de consultorias e traduções consideradas relevantes para o Instituto. A série **Textos para discussão** está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 978-85-240-4650-6

© IBGE. 2025

Impressão

IBGE/Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI, em 2025

Capa

IBGE/Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Gerência de Biblioteca, Informação e Memória do IBGE

Silva, Gustavo Junger da

Estudo sobre critérios de acionamento das categorias de cor ou raça a partir de teste piloto para o Censo Demográfico 2022 / Gustavo Junger da Silva, Marta de Oliveira Antunes, Juliana de Souza Queiroz, Paulo Ricardo Silva Moreira, Rodrigo Aires Lemes. - Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

89 p. - (Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas, ISSN 1518-675X, n. 65).

ISBN 978-85-240-4650-6

1. Cor da pele. 2. Censo demográfico. I. Antunes, Marta de Oliveira. II. Queiroz, Juliana Souza de. III. Moreira, Paulo Ricardo Silva. IV. Lemes, Rodrigo Aires. V. IBGE. Coordenação Técnica do Censo Demográfico. VI. Título. VII. Série.

CDU 314.9-054(81)
EST

Ficha elaborada por Gerlaine da Rocha Braga – CRB-7/6659

Sumário

Apresentação	5
Introdução.....	7
Escopo do Teste.....	10
Metodologia	15
Resultados.....	19
Relação entre cor ou raça “amarela” e origem na PCERP	19
Autodeclaração de cor ou raça entre escolares na PeNSE.....	22
Teste Cor ou Raça 2016	24
Descrição da amostra e dos informantes.....	25
Categorias abertas de “cor ou raça”	32
Quesito de cor ou raça com categorias fechadas e sem apresentação de definições	38
Reações à pergunta.....	38
Razões para selecionar as categorias “parda” e “amarela”.....	41
Influência da ancestralidade e origem na classificação por cor ou raça	44
Mudanças na classificação de “cor ou raça”.....	45
Leitura da definição da categoria “parda”	45
Leitura da definição da categoria “amarela”	51
Mudanças na declaração de “cor ou raça” depois da leitura das duas definições.....	54
Comparação entre Censo Demográfico 2010 e Teste de Cor ou Raça 2016	60
Conclusões e recomendações	67
Referências	73
Anexos	
1 - Equipe do Teste de Cor ou Raça.....	77
2 - Quesito cor ou raça em pesquisas domiciliares	79
3 - Questionário do Teste de Cor ou Raça – 2016	80
4 - Relatório de Observação Teste Cor ou Raça	87

Convenções

-	Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento;
..	Não se aplica dado numérico;
...	Dado numérico não disponível;
x	Dado numérico omitido a fim de evitar a individualização da informação;
0; 0,0; 0,00	Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente positivo; e
-0; -0,0; -0,00	Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente negativo.

Apresentação

O presente texto de discussão é fruto do Teste Piloto de Cor ou Raça que tinha como objetivo compreender o crescimento exponencial de pessoas declaradas amarelas, quando comparados os censos demográficos 1991, 2000 e 2010, e verificar num ambiente similar ao de uma entrevista domiciliar o que originou esse crescimento. Contudo, o mesmo não se restringiu a analisar os dados produzidos no ambiente de teste, mas consultou outras pesquisas onde o quesito de cor ou raça é fruto de investigação, buscando compreender as razões que sustentaram esse crescimento e o grau de influência das mudanças ocorridas em 2010: mudança do quesito da amostra para o básico e retirada da definição da categoria “parda” do manual da pesquisa.

Analisando as possibilidades metodológicas de testes de quesitos em pesquisas domiciliares, a equipe que desenhou o teste propôs uma metodologia que aliasse análise qualitativa e quantitativa, permitindo assim compreender melhor um fenômeno tão complexo como a autoidentificação e a declaração de cor ou raça dos outros moradores do domicílio. Essa metodologia permitiu quantificar a observação e concatenar as bases quantitativas e qualitativas e está em fase de aprimoramento para ser aplicada nos processos de teste do Censo Demográfico 2020.

O IBGE compreende que os resultados do teste, aqui apresentados devem ser alvo de discussão num grupo de trabalho envolvendo as coordenações que trabalham com pesquisas domiciliares para pensar o quesito e sua operacionalização nessas pesquisas à luz das recomendações aqui apresentadas e que continuam sendo alvo de pesquisa nos outros testes visando ao censo demográfico 2020.

Gustavo Junger da Silva
Diretor de Pesquisas

Introdução¹

O quesito de “cor ou raça” está presente nas investigações que visam o recenseamento da população residente no Brasil desde o Império. O primeiro recenseamento nacional data de 1872 e no mesmo a população era dividida segundo quatro categorias classificatórias: brancos; pardos; pretos; e caboclos. Realizado no pré-abolição, a população era ainda dividida de acordo com sua condição de escrava ou livre.

No quadro abaixo sintetizamos as opções de categorias classificatórias do quesito ao longo da história dos censos demográficos brasileiros:

Quadro 1 – Categorias raciais nos Censos Demográficos – Brasil – 1872-2010

1872	1890	1940	1950	1960	1980	1991	2000	2010
População livre (define sua cor)								
Branca	Branca	Preta	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
Parda	Preta	Branca	Preta	Preta	Preta	Preta	Preta	Preta
Preta	Cabocla	Amarela	Amarela	Amarela	Amarela	Amarela	Amarela	Amarela
Cabocla	Mestiça		Parda	Parda	Parda	Parda	Parda	Parda
(Raça indígena)		(Outras respostas foram codificadas como pardas)	(Existia instrução para o recenseador não usar categoria “morena” na resposta)	(Apenas para pessoas que vivam em aldeamentos ou postos indígenas, as demais que se declarassem índias deveriam ser classificadas como pardas)		Índigena	Índigena	Índigena (Se indígena: Etnia e língua falada)
População escrava								
Pretos(as)								
Pardos(as)								

Fonte: adaptado da PCERP (2008) e complementado pela consulta aos instrumentos de coleta e manuais/instruções dos recenseamentos ocorridos entre 1872 e 2010.

De notar que nos anos de 1880, 1910 e 1930 não foi realizada nenhuma operação censitária no país e que nos anos de 1900, 1920 e 1970 o quesito que se denomina de “cor ou raça” não foi pesquisado (cf. PCERP, 2008). A partir de 1950 as instruções para os recenseadores passaram a incluir o princípio da autodeclaração. Nos anos de 1980, 1991 e 2000 o quesito passou a ser investigado na amostra, só retornando ao universo em 2010.

Analisando o quadro verificamos que duas categorias utilizadas nas primeiras operações censitárias – “cabocla” e “mestiça” – foram abandonadas nas operações seguintes e que a categoria “amarela” foi introduzida em 1940 na investigação, tendo a categoria “índia” sido introduzida em 1960 para pessoas que viviam em aldeamentos ou postos indígenas e a “indígena” em 1991. Em 1940 foi pesquisada a língua falada e a opção “guarani ou qualquer outra língua aborígene” constava do questionário, num período de forte preocupação com a “unidade nacional”, mas num quesito separado do de “cor ou raça”. Etnia e língua passam a ser investigados em 2010 para a população declarada como indígena.

¹ Ver Anexo 1 – Equipe do Teste de Cor ou Raça 2016.

A categoria “mestiça”, que substituiu a categoria “parda” em 1890, visava captar a ascendência ou origem racial de pessoas que descendiam de uniões entre pretos e brancos, a categoria “cabocla” as pessoas que tinham ascendentes brancos e indígenas, e a categoria “amarela” para monitorar a imigração japonesa que ocorrera no início do século XX².

Além das dinâmicas internas, o quesito de “cor ou raça” vem se modificando à luz de alguns acordos internacionais firmados pelo Brasil que instam os Estados signatários a captar informações desagregadas por etnia, tais como a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata e o Consenso de Montevideu sobre População e Desenvolvimento.

O Brasil é signatário da “Declaração e Programa de Ação” resultante da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban, África do Sul, em 2001, que no capítulo “Coleta e desagregação de dados, pesquisas e estudos”:

Insta os Estados a coletarem, compilarem, analisarem, disseminarem e a publicarem dados estatísticos confiáveis em níveis local e nacional e a tomarem todas as outras medidas necessárias para avaliarem periodicamente a situação de indivíduos e grupos que são vítimas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. (Parágrafo 92)

Essa declaração demanda dos Estados que seus dados estatísticos sejam desagregados, possibilitando a construção de indicadores que permitam avaliar a desigualdade nas condições sociais e econômicas dos grupos mais vulneráveis ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Ademais, reconhece que racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata ocorrem com base na raça, cor, descendência, origem nacional ou étnica e demanda que a informação sobre essas temáticas seja coletada respeitando o princípio da “autoidentificação³”.

Além da Conferência de Durban e da agenda pós-Durban, a região Américas firmou o Consenso de Montevideu sobre População e Desenvolvimento (2013), cujo Guia operacional para sua implementação e seguimento ressalta a importância de fontes e dados estatísticos desagregados por etnia, buscando um diálogo com a Agenda 2030:

.....
² Para uma análise mais detalhada sobre a história da investigação do quesito nas operações censitárias consultar Oliveira (1999), Petrucelli (2007) e PCERP (2008).

³ Entende-se por autoidentificação um sistema em que a pertença de uma pessoa a um grupo é definida pela própria pessoa.

El desarrollo de la información sociodemográfica, según ya se planteó, está subrayado y expuesto intensamente como una de las líneas de acción indispensables a lo largo de todo el Consenso de Montevideo sobre Población y Desarrollo y de la presente guía. Como líneas de acción más generales pueden señalarse: [...] asegurar que las estadísticas contengan todas las desagregaciones que sean necesarias para identificar y caracterizar a los grupos poblacionales relevantes para las políticas públicas, incorporando el enfoque de género y la perspectiva intercultural, considerando, por ejemplo, la población adolescente —incluidos los menores de 15 años— y joven, la población mayor, la población con discapacidad, la población con necesidades de cuidado, la población sometida a violencia, las mujeres, los pueblos indígenas y poblaciones afrodescendientes, las poblaciones expuestas a riesgos de catástrofe, las personas migrantes y desplazadas, entre otras [...] (CEPAL, 2015, p.13 - grifos nossos).

Entre as medidas prioritárias do Consenso de Montevideú, aquelas que mencionam a necessidade de produção, difusão e uso de estatísticas socioeconômicas com desagregação por grupos populacionais, em particular povos indígenas e afrodescendentes, destacamos as medidas 4, 16, 17, 22, 23, 26, 37, 40, 44, 45, 50, 51, 54, 56, 57, 58, 71, 77, 78, 81 e 84.

Além dessas medidas prioritárias onde desagregações pelos dois grupos são demandadas como forma de garantir o monitoramento da implementação do consenso, dois capítulos específicos sobre esses grupos fazem demandas de indicadores específicos, são eles o capítulo H sobre povos indígenas e o I sobre grupos afrodescendentes. Destacamos as medidas que tratam sobre estatísticas oficiais nesses dois capítulos:

Medida prioritaria 90: Garantizar el derecho a la comunicación e información de los pueblos indígenas, asegurando que las estadísticas nacionales respeten el principio de autoidentificación, así como la generación de conocimiento e información confiable y oportuna sobre los pueblos indígenas, a través de procesos participativos, atendiendo a sus requerimientos y a las recomendaciones internacionales relativas a estos asuntos. (CEPAL, 2015, p.138)

Medida prioritaria 98: Generar conocimiento e información confiable y oportuna con perspectiva de género y desagregado por sexo, edad y condición socioeconómica, entre otras variables, sobre las poblaciones afrodescendientes, a través de procesos participativos, atendiendo los requerimientos y las recomendaciones internacionales relativas al asunto. (Idem, p.145)

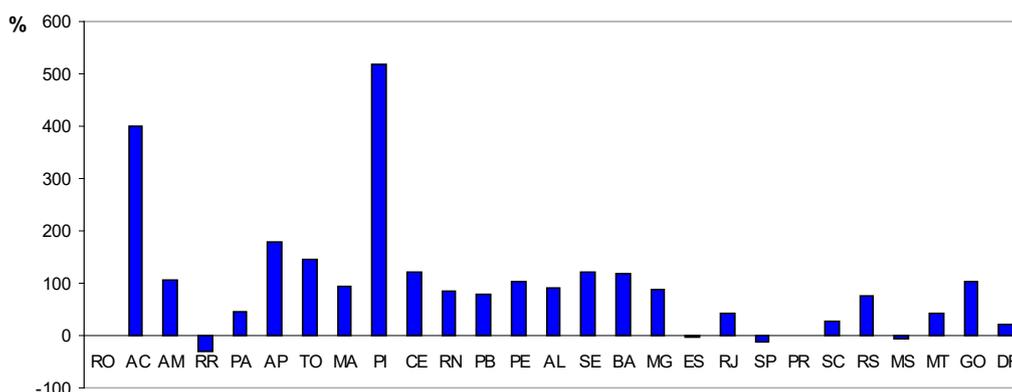
Acrescenta-se a esses acordos internacionais a Agenda 2030 e o início em 2015 da Década dos Afrodescendentes na ONU, que demandam do IBGE, enquanto produtor de estatísticas oficiais, a possibilidade de desagregação de estatísticas socioeconômicas por afrodescendentes e indígenas.

A desagregação de dados para indígenas e afrodescendentes no Brasil é realizada através do quesito de “cor ou raça” que é composto de cinco categorias classificatórias: “branca”, “preta”, “amarela”, “parda” e “indígena”. Embora exista uma categoria específica para povos indígenas nesse quesito, não existe uma categoria específica para afrodescendentes, que costuma ser construída por usuários externos juntando pessoas declaradas como “preta” ou “parda”, ignorando que a miscigenação de branco com índio compõe parte da categoria “parda”. Apesar dessa ressalva, é através deste quesito⁴ que o Brasil responde a esses acordos internacionais e regionais, o que denota sua importância.

Escopo do Teste

A categoria de resposta “amarela” do quesito de “cor ou raça” do censo demográfico apresenta uma tendência de crescimento desde o Censo Demográfico de 2000 (quando comparado com o de 1991) que chama a atenção pelo seu descolamento aparente de uma dinâmica migratória ou reprodutiva de pessoas com origem oriental. Apesar do grupo de cor amarela manter sua participação relativa em torno de 0,4% (0,43% em 1991 e 0,45% em 2000), a população categorizada como amarela é responsável por um aumento populacional (20,8%) entre o censo de 1991 e o de 2000 de 5,1 pontos percentuais acima do aumento verificado para o total da população do Brasil (15,7%)⁵.

Gráfico 1 – Variação na proporção da população declarada “amarela” nos Censos Demográficos de 1991 e 2000 por Unidade da Federação.

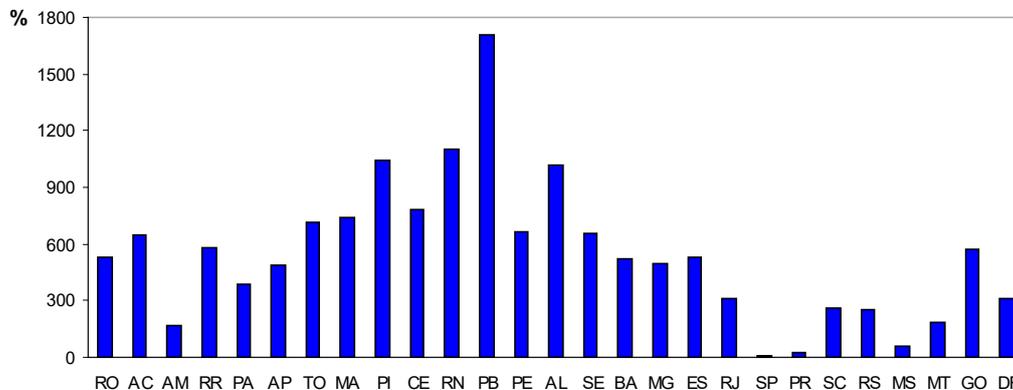


Fonte: Duarte (2016)

⁴ Ver no Anexo 2 um comparativo sobre como o quesito é apresentado nas pesquisas domiciliares do IBGE.

⁵ Petruccelli (2007) havia realizado essa análise comparando o censo demográfico de 2000 com o de 1991. Refizemos a mesma para incluir o censo de 2010, sem a correção realizada pelo autor, o que explica pequenas diferenças de resultados, mas não interfere nas conclusões.

Gráfico 2 – Variação na proporção da população declarada “amarela” nos Censos Demográficos de 2000 e 2010 por Unidade da Federação.



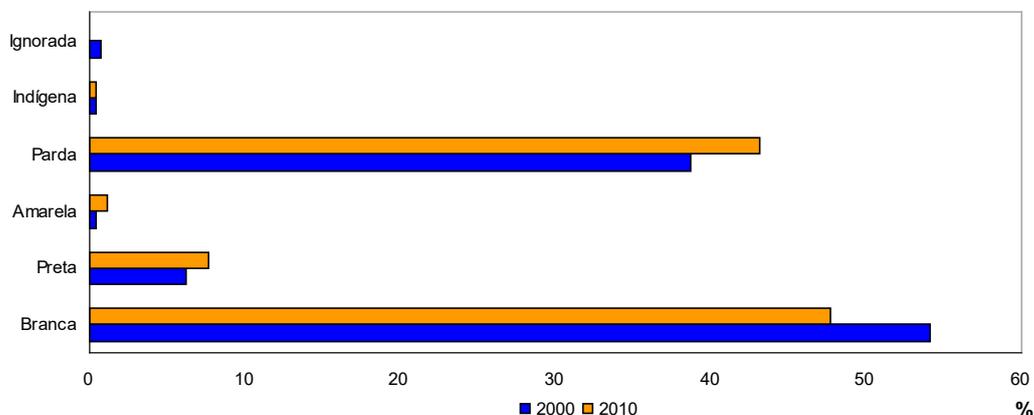
Fonte: Duarte (2016)

Aumento que se potencializa no Censo Demográfico de 2010 (176,4%), provocando uma necessidade de análise sobre potenciais causas desse aumento exponencial de pessoas declaradas como amarelas. Através do Gráfico 1, salientamos que em São Paulo e Mato Grosso do Sul houve decréscimo entre 1991 e 2000, tendência esperada e que compensou os aumentos nesse período verificados nos outros estados, e que entre 2000 e 2010 o crescimento em São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul foi inferior ao identificado no resto do país (Gráfico 2). Informação relevante quando consideramos a maior concentração de pessoas com origem oriental nessas unidades da federação.

No Censo Demográfico de 2010, a investigação de “cor ou raça” migrou do questionário aplicado apenas na amostra (forma como foi a campo em 2000) para o questionário básico (forma como foi a campo em 2010) e simultaneamente a definição da categoria “parda” foi retirada do manual do recenseador.

Comparando a distribuição por “cor ou raça” nas duas amostras, a do Censo Demográfico de 2000 e a do Censo Demográfico de 2010, verificamos um aumento da declaração de “amarelos” entre as duas amostras de 150,4%, que pode ser observado no Gráfico 3, alinhado com o aumento verificado no universo.

Gráfico 3 – Distribuição por cor ou raça nas amostras do Censo Demográfico de 2000 e 2010.



Fonte: Elaborado a partir dos dados da amostra do Censo Demográfico, IBGE (2000 e 2010).

Neste teste procuramos identificar como os informantes reagiam quando tinham acesso às definições de cor ou raça “parda” e “amarela”, frente às suas escolhas de cor ou raça abertas e utilizando as categorias do IBGE: “branca”; “preta”; “amarela”; “parda”; ou “indígena”.

Em relação à cor ou raça “amarela” o teste partiu da existência de um potencial “falso positivo”: a pessoa declarada como de cor ou raça “amarela” e sem uma aparente origem familiar oriental. Foi nesse sentido que parte da amostra do teste foi selecionada, justamente para cobrir um grupo de potenciais “falsos positivos” recorrendo a uma análise dos dados do último Censo Demográfico. Além disso, uma parte da amostra foi aleatória, como será apresentado na metodologia.

Nossas questões orientadoras buscavam identificar a reação dos informantes às formas diferentes de apresentar a questão de cor ou raça⁶ e como os mesmos reagiam quando as definições de cor ou raça “parda”⁷ e cor ou raça “amarela”⁸ lhes eram apresentadas. São elas:

a) As pessoas que foram declaradas como “amarelas” em 2010 ainda se declaram como “amarelas”?

.....
⁶ A pergunta sobre “cor ou raça” dos moradores do domicílio era realizada de quatro formas diferentes. A primeira era uma pergunta aberta, a segunda era uma pergunta categorizada utilizando as categorias do IBGE e sem apresentar qualquer definição (V0401), a terceira era uma pergunta categorizada que apresentava uma definição da categoria “parda” e tinha como opção de resposta as categorias do IBGE (V0410) e a quarta era uma pergunta categorizada que apresentava uma definição da categoria “amarela” e tinha como opção de resposta as categorias do IBGE (V0415). Ver Anexo 3 – Questionário do teste de cor ou raça – 2016.

⁷ Para efeitos do presente teste utilizou-se como definição da categoria “parda” a miscigenação de branco com índio; de branco com preto; de preto com índio; ou de preto com pessoa de outra cor ou raça.

⁸ O teste utilizou como definição da categoria “amarela” a mesma utilizada no Censo Demográfico de 2010: “Considera-se de cor ou raça amarela, a pessoa de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana, etc.”.

b) O informante que declara a si ou outra pessoa como de cor ou raça “amarela” associa essa categoria com uma dimensão de origem oriental?

c) As pessoas pedem esclarecimentos sobre as categorias de cor ou raça? Quais?

d) Quais os motivos que levam as pessoas a declararem alguém como de cor ou raça “parda” e de cor ou raça “amarela” sem que qualquer definição seja dada para essas categorias?

e) A definição de cor ou raça “parda” ao ser apresentada para os informantes altera a declaração dos mesmos? Por quê?

f) A definição de cor ou raça “amarela” ao ser apresentada para os informantes altera a declaração dos mesmos? Por quê?

Através destas questões pretendemos abordar parte da grande complexidade que envolve os significados atribuídos às categorias de cor ou raça “parda” e “amarela” pelas pessoas entrevistadas pelo IBGE, conscientes que:

Categories sociais, políticas e administrativas enfeixam processos complexos de distinção, aglutinação e hierarquização entre pessoas, acontecimentos, espaços e tempos. Desse modo, produzem narrativas sobre vidas, lugares e temporalidades que têm por efeito, não raras vezes, a domesticação e o congelamento de experiências múltiplas e diversas. (VIANNA e FACUNDO, 2015, p.1)

Os primeiros resultados, já na fase do pré-teste⁹, mostraram que existia uma compreensão da categoria “amarela” como cor de pele, e não como origem, e partindo desse primeiro resultado, outras pesquisas do IBGE foram consultadas para trazer mais informações sobre o comportamento desse quesito nas mesmas e para servir de insumo a um teste com amostra localizada nos municípios de Petrópolis e Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro.

Em particular, duas pesquisas mostram que o crescimento da proporção de pessoas declaradas como “amarelas” no Censo Demográfico de 2010 em relação ao Censo Demográfico de 2000 poderia estar relacionado com a forma como a categoria “amarela” está sendo acionada para classificar pessoas sem origem e ascendência oriental – a PCERP – e que esse aumento poderia inclusive continuar se sustentando após 2010 – a PeNSE –, pelo que, como forma de complementar o relatório de teste de cor ou raça, utilizaremos alguns dados da PCERP e da PeNSE para aprofundar potenciais causas do aumento da captação de pessoas de cor ou raça “amarela” no Censo Demográfico de 2010. Por outro lado, o suplemento de 1998 da PME que investigou cor e origem será utilizado para tecer alguns paralelos com as análises aqui realizadas.

.....
⁹ O pré-teste foi realizado no bairro do Rio das Pedras, município do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, tendo como principal objetivo testar instrumentos e logística de coleta.

A análise dos microdados da PCERP permite compreender que a identificação como cor ou raça “amarela” de pessoas que não têm origem oriental não é uma particularidade do Censo Demográfico de 2010. Nessa pesquisa, do total de pessoas que se autodeclarou ou foi declarada como “amarela” apenas 23,4% se identificavam com essa origem. O inverso do que foi identificado pelo suplemento da PME de 1998, que foi a campo dez anos antes, momento em que 33,0% das pessoas declaradas amarelas não declaram origem oriental¹⁰ e apenas 67,0% das pessoas que declararam ter origem japonesa também se declararam de cor ou raça amarela¹¹ (cf. PETRUCCELLI, 2007, p. 46).

Por outro lado, as edições de 2012 e 2015 da pesquisa PeNSE mostram que entre estudantes que frequentavam o 9º ano do ensino fundamental, em ambos os anos, foi registrada uma autodeclaração de amarelos (4,1%), sem intermédio de agente de pesquisa, superior à verificada no Censo Demográfico de 2010 para esse grupo (1,0%), apontando que entre esse público restrito e sem a interferência do entrevistador a categoria “amarela” é acionada por pessoas sem origem oriental e que a proporção de autodeclaração se mantém ao longo do tempo com variações de aumento e diminuição em alguns níveis geográficos.

Analisados em conjunto, estes dados alertam para um possível crescimento da quantidade de pessoas classificadas como “amarelas” e sem origem oriental no próximo censo demográfico e reforçam a hipótese de que os informantes estejam manejando a categoria de modo descolado da definição utilizada para a mesma pelo IBGE no quesito de “cor ou raça”, independentemente da atuação do agente de pesquisa.

.....
¹⁰ As categorias fechadas de origem do suplemento eram “Brasileira”, “Italiana”, “Portuguesa”, “Alemã”, “Indígena”, “Negra”, “Espanhola”, “Africana” e “Japonesa”. Consideramos como tendo origem oriental as pessoas que declararam origem “Japonesa”.

¹¹ Nesse suplemento 27,1% das pessoas que declararam origem japonesa escolheram como cor ou raça a categoria branca, 4,4% a parda, 1,1% a preta e 0,3% a indígena.

Metodologia

O Teste de Cor ou Raça buscava avaliar se a introdução de explicações adicionais no manual do recenseador para a cor ou raça “parda” minimizaria as dúvidas de classificação observadas durante a operação de coleta do Censo Demográfico de 2010. Secundariamente, pretendia coletar informações qualitativas que agregassem novos elementos para uma reflexão mais aprofundada sobre as possíveis razões para o aumento considerável de pessoas que se declararam ou foram declaradas como de cor ou raça “amarela” no Censo Demográfico de 2010. Para dar conta de um fenômeno complexo como a identificação por “cor ou raça”, optamos por aliar análise qualitativa e quantitativa considerando, como Goldenberg, que:

É o conjunto de diferentes pontos de vista, diferentes maneiras de coletar e analisar os dados (qualitativa e quantitativamente), que permite uma idéia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema. [...] A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação em particular. (2011, p. 62)

Responsáveis pelo desenho do teste, iniciamos pela leitura de testes que haviam sido realizados previamente na instituição e verificamos que nos mesmos as observações realizadas apresentavam-se enquanto fragmentos de impressões de cada observador(a) em relatórios gerais. Conseqüentemente, as mesmas não geravam análises qualitativas quantificáveis e passíveis de serem colocadas em diálogo com as bases quantitativas produzidas nos mesmos.

Realizamos o pré-teste de cor ou raça replicando essa abordagem: entrevistador(a) recolhe dados quantitativos via questionário de perguntas majoritariamente fechadas e algumas abertas; e o(a) observador(a) registra algumas impressões sobre o procedimento de coleta, a atuação do(a) entrevistador(a) e dúvidas dos(as) entrevistados. Reunindo com a equipe que participou do pré-teste ficou explícito que esse método ressaltava alguns episódios que haviam marcado a observação, mas que a equipe não tinha a mesma leitura de sua frequência nem a capacidade de quantificá-la. Além disso, ao comparar os registros feitos nos Dispositivos Móveis de Coleta (DMCs) pelos(as) entrevistadores(as) com as anotações do(a)s observador(a)es que acompanharam as entrevistas verificamos que as respostas abertas não eram totalmente anotadas no DMC pelos(as) entrevistadores(as) e que eram pré-codificadas pelos(as) mesmos(as) em campo, prejudicando a análise de quesitos essenciais para o teste.

Identificamos, assim, a necessidade de padronizar a metodologia de observação, seja no seu registro, seja na abordagem de coleta de informações qualitativas de forma a torná-las quantificáveis através da padronização de sua categorização posterior para análise.

Nesse sentido, o questionário foi desenhado visando apresentar estímulos diferenciados na forma como a pergunta sobre cor ou raça era realizada e a operação de campo foi desenhada com o intuito de recuperar as reações dos informantes aos diferentes estímulos. Assim, além da informação coletada utilizando Dispositivo Móvel de Coleta (DMC) e recorrendo a quesitos de resposta aberta, categorizada com resposta única e categorizada com resposta múltipla, cada entrevistador era acompanhado de um observador que realizava um relatório qualitativo utilizando uma metodologia de observação de cunho etnográfico, onde se buscava recuperar não apenas a fala completa e sem alteração do informante, mas também as reações não verbalizadas¹², aproximando-se de uma ideia de registro do discurso¹³.

O principal desafio a enfrentar era o de padronizar a forma como o discurso das pessoas que estavam prestando informação para o teste era registrado pelos(as) observadores(as). Por discurso entendemos não apenas o que é verbalizado pelos entrevistados, mas também sua expressão corporal, tempo de pausa para pensar, questionamentos, dúvidas, olhares para seus familiares, risos, entre outras reações não verbalizadas. Além disso, era necessário facilitar o(a) observador(a) a registrar o discurso dessas pessoas de forma organizada, isto é, cada reação relacionada com cada morador para o qual a pergunta estava sendo realizada.

A busca pela padronização da observação implicou na elaboração de um roteiro de observação e realização de um treinamento com os(as) observadores(as) visando explicitar alguns eixos orientadores com o objetivo de capturar o discurso e embasar uma análise sobre os entendimentos e os sentidos dados pelas pessoas às categorias “parda” e “amarela” utilizadas pelo IBGE no quesito “cor ou raça”. Era necessário evitar a “pré-codificação” desse discurso pelos(as) observadores(as) e garantir o registro da fala e reações de forma detalhada e fiel, desafio que se mostrou difícil de operacionalizar para aqueles observadores(as) sem formação em métodos de pesquisa de cunho qualitativo e que apontou a necessidade de aperfeiçoar o treinamento para observadores em geral.

Para tal foi desenhado um relatório de observação que visava a garantir: a padronização da coleta do discurso dos informantes; e a identificação de moradores para os quais os informantes estavam prestando informação. Esse relatório iniciava com o quadro de moradores, permitindo assim a numeração dos mesmos para criar uma chave que ligasse o relatório de observação ao questionário preenchido no DMC. Tal fato exigia do(a) observador(a) que acompanhasse atentamente a entrevista para poder identificar as pessoas sobre as quais o(a) informante estava prestando informação, e que anotasse as suas informações fazendo referência ao número de ordem do morador ou usando o nome do mesmo.

Por outro lado, a necessidade de registrar o discurso do(a) informante de forma detalhada demandou que o ritmo de coleta do entrevistador fosse adaptado, ou seja, que

.....
¹² Ver Anexo 4 – Relatório de Observação do Teste de Cor ou Raça.

¹³ A literatura antropológica sobre análise de discurso é vasta, mas citamos dois autores que nos orientaram nessa análise são eles Foucault (1991) e Das (1997).

o mesmo não interrompesse o(a) informante durante sua fala, que deixasse o(a) informante falar à vontade sem interpretar sua fala para coletar a resposta e que lesse as perguntas e as opções de resposta de forma pausada.

Essa abordagem metodológica permitiu que o teste gerasse duas bases, que denominamos de base quantitativa (coleta pelo entrevistador via DMC) e base qualitativa (fruto dos relatórios de observação¹⁴), que foram concatenadas posteriormente. Essa opção analítica se faz em acordo com Goldenberg (2001) e Minayo (2012), autoras que defendem a combinação de diferentes metodologias com o intuito de “abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo” (GOLDENBERG, 2011, p. 63). Nesse mesmo sentido, referindo-se às possibilidades decorrentes da combinação de metodologias qualitativas e quantitativas, Minayo afirma:

Os dois tipos de abordagem e os dados delas advindos [...] não são incompatíveis. Entre eles há uma oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa. (2012, p.22)

Para transformar a observação qualitativa em uma base foi necessário operar um processo de construção de categorias e consequente tradução do discurso para que um enquadramento do mesmo pudesse ser realizado. Esse processo permitiu que análises cruzadas entre as duas formas de coleta de informação fossem realizadas, ampliando as possibilidades de análise do teste.

Há que se destacar ainda que as restrições logísticas para a realização do teste de cor ou raça impediram uma diversificação regional da análise, o que torna os seus resultados muito localizados em dois municípios do mesmo estado – Rio de Janeiro – podendo criar um enviesamento regional.

Foram pré-selecionados 39 setores onde a densidade de pessoas que se declararam ou foram declaradas amarelas foi superior à esperada, de um total de 57 setores mapeados nos dois municípios. Foram visitados 327 domicílios particulares, 147 em Petrópolis e 180 em Volta Redonda. Destes, 177 eram pré-selecionados, ou seja, alguém havia sido declarado no Censo Demográfico de 2010 de cor ou raça amarela, e 150 foram escolhidos de forma aleatória nos mesmos setores. Um total de 1.190 moradores foi pesquisado, sendo 557 em Petrópolis e 633 em Volta Redonda.

O teste aceitava apenas uma pessoa como informante¹⁵ por domicílio e as equipes de campo foram orientadas a buscar o mesmo informante de 2010, quando fosse possível.

.....
¹⁴ Devido a problemas operacionais no processo de observação parte das informações (39 domicílios) não integrarão a análise qualitativa.

¹⁵ A idade mínima do informante foi estabelecida em 10 anos de idade, conforme o Censo Demográfico de 2010.

Obtivemos uma coincidência de 46,3% de informantes entre o teste e o censo demográfico nos 177 domicílios pré-selecionados.

O teste seguiu os conceitos e definições do Censo Demográfico de 2010, introduzindo uma definição livre dos termos (mulata, cabocla, cafuza, mameluco ou mestiça) utilizados no manual do Censo 2000 e manuais da Pnad até 2014, para a categoria “parda” – “considera-se como cor ou raça parda a miscigenação de branco com índio; de branco com preto; de preto com índio; ou de preto com pessoa de outra cor ou raça” – e introduzindo o quesito de origem, entendendo-se por origem familiar “a ancestralidade, no sentido de pertencimento a um país, região ou grupo étnico-racial dos pais ou avós dos moradores do domicílio”.

Com o intuito de avaliar o efeito das definições das categorias na resposta ao quesito de cor ou raça, foi calculado o coeficiente Kappa¹⁶, que é uma medida de concordância usada em escalas nominais e ordinais e mede o “grau de concordância” além do que seria esperado tão somente pelo acaso, ou seja, a existência ou não de concordância entre dois ou mais observadores ou avaliadores ou ainda entre dois métodos de classificação. Através deste coeficiente é possível medir o efeito da apresentação da definição das categorias “parda” e “amarela” aos(as) informantes consoantes a sua escolha de resposta à pergunta de cor ou raça após a leitura das duas definições. Caso haja efeito da leitura das definições nas respostas dos(as) informantes serão observados valores mais reduzidos para os coeficientes, quando comparado com os mesmos coeficientes das outras categorias conforme a Tabela abaixo:

Tabela 1: Interpretação da concordância segundo coeficiente Kappa.

Valores de Kappa	Interpretação
<0	Nenhuma concordância
0 - 0,19	Concordância pobre
0,20 - 0,39	Concordância leve
0,40 - 0,59	Concordância moderada
0,60 - 0,79	Concordância substancial
0,80 - 1,00	Concordância quase perfeita

Fonte: Landis JR, Koch GG. The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics* 1977; 33: 159-174.

.....
¹⁶ Embora a massa de dados seja reduzida, o que diminui o poder deste teste, optamos por aplicá-lo, pois ele seria importante para levantar indícios que fomentem e embasem a discussão sobre o tema.

Resultados

A análise parte de uma releitura dos resultados da PCERP e da PeNSE à luz dos objetivos e questões orientadoras do presente teste, para em seguida aprofundar nos resultados do teste de cor ou raça realizado em 2016.

Relação entre cor ou raça “amarela” e origem na PCERP

Analisando a Pesquisa das Características Étnico-raciais da População (PCERP), que realizou entrevistas em seis Unidades da Federação (UF) – Amazonas, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Distrito Federal – identificamos que a categoria de cor ou raça “amarela” foi acionada por informantes para se autoclassificar e classificar os outros moradores do domicílio com um sentido diferente da definição dada para essa categoria pelo IBGE.

No questionário da PCERP era solicitado às pessoas que eram identificadas como “amarelas” que especificassem sua origem geográfica familiar em forma de pergunta aberta (quesito 3.14). A distribuição das respostas a essa questão para o conjunto das UF selecionadas está organizada na tabela 2, na qual é possível observar que cerca de 76% das pessoas identificadas como “amarelas” não sabiam ou não informaram sua origem geográfica familiar. Por outro lado, 23,4% identificavam países orientais como origem, alinhado com a definição do quesito. Tanto a “cor da pele” quanto outras origens geográficas foram selecionadas por menos de 1% das pessoas entrevistadas. Infelizmente, a PCERP não dialogou com a pergunta de cor ou raça que é aplicada nas pesquisas domiciliares do IBGE, limitando as possibilidades de análise da mesma, algo que poderia ser corrigido numa nova pesquisa, considerando que se passou uma década desde a última investigação aprofundada dessa temática.

Cruzando essas informações do quesito 3.14 com as do quesito 3.11 (cf. Tabela 3) que perguntava a origem familiar e pedia para especificar o país, região, comunidade ou etnia, observa-se que essas pessoas tinham, muitas vezes, selecionado mais do que uma origem na pergunta 3.11, e que muitas não sabiam especificar melhor essa origem. Entre os que “não sabiam” informar, no 3.14, a origem geográfica familiar, no quesito 3.11 assinalaram como principais origens familiares a européia e a indígena.

Tabela 2 – Distribuição das pessoas declaradas como de cor ou raça amarela, por origem.

Origem	Descrição	Pessoas	
		N	%
	Total	752	100
Oriental	China	21	2,8
	Coréia	8	1,1
	Japão/Nissei/Okinaua	141	18,8
	Em geral	6	0,8
Árabe	Libanesa	1	0,1
Latinoamericana	Peruana	1	0,1
	Castelhano	1	0,1
Cor	Cor da pele/Cor de pele amarela/Termos de cor	4	0,5
Não sabe	Não informou/Não sabe/Sem declaração/Ignorado	569	75,7

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PCERP, IBGE (2008).

Existe uma diferença importante na forma como a pergunta é realizada nesses dois quesitos. No 3.14, a pergunta é aberta, sem que qualquer opção de resposta seja dada ao informante. No quesito 3.11 a pergunta apresenta 11 opções de resposta¹⁷ e depois que uma ou mais opções é selecionada apresenta um campo aberto de resposta para especificar “país, região, comunidade ou etnia”.

Comparando os resultados dos dois quesitos é possível inferir que quando a pergunta de origem apresenta uma lista de opções (3.11) existe uma maior facilidade de enquadramento do informante do que quando a mesma é aberta (3.14). Considerando que no quesito aberto (3.11) 569 pessoas que se declararam amarelas não sabiam informar a origem e no quesito com lista de opções (3.14) esse número baixou para 231 pessoas. A observação qualitativa durante o pré-teste apontou na mesma direção, verificamos uma maior facilidade de informar origem quando apresentada uma lista de opções.

¹⁷ 1.Africana; 2.Centro-americana; 3.Europeia; 4.Indígena; 5.Judaica; 6.Norte-americana; 7.Oriente médio, Síria, libanesa, Armênia; 8.Sudeste asiático; 9. Sul-americana (exceto brasileira); 10.Outra. Especifique; 11. Não sabe.

Tabela 3 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade que se declararam amarelas, por origem geográfica familiar (quesito 3.14), segundo as alternativas de origem geográfica familiar do quesito 3.11.

Quesito 3.11	Quesito 3.14.1									
	Sudeste Asiático				Árabe	Latino-americana		Cor	Não sabe	Total de opções assinaladas
	China	Coreia	Japão/Nissei/Okinawa	Em geral	Libanesa	Peruana	Castelhano	Cor da pele/Termos de cor	Não informou/ Ignorado	
Africana	3	-	7	-	-	-	-	-	36	46
Centro-americana	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3
Europeia	7	1	30	2	-	-	-	1	170	211
Indígena	8	2	22	-	-	-	1	1	153	187
Judaica	-	-	1	-	-	-	-	-	5	6
Norte-americana	-	-	1	-	-	-	-	-	4	5
Oriente-médio	1	-	2	-	1	-	-	-	7	11
Sudeste asiático	11	1	98	-	1	-	-	1	12	124
Sul-americana	3	1	2	-	-	1	-	-	21	28
Outra*	1	-	18	-	-	-	-	-	53	72
Não sabe	2	3	5	2	-	-	-	1	199	212
Ignorado	-	-	1	2	-	-	-	-	16	19
Total de opções assinaladas	36	8	187	6	2	1	1	4	679	924
Total de pessoas declaradas amarelas	21	8	141	6	1	1	1	4	569	752

Obs. 1: Categoria "Outra" apresenta entre suas opções "Chinês" quando 3.14 =China.

Obs. 2: Categoria "Outra" apresenta entre suas opções, quando 3.14 = não sabe: Bahia; Ceará; Goiânia; Nordeste; Brasil; ciganos; italianos. Quando 3.14 = Japão/Nissei ou Okinawa: Japão; Nissei e Paranaense.

Obs. 3: Dos que informaram no quesito 3.14 que eram "amarelos" e não sabiam explicitar origem, alguns escolheram origem familiar no quesito 3.11, mas sem explicitarem mais detalhes sobre essa origem no item especifique: 36 "africanos"; 3 "centro-americanos"; 24 "europeus"; 128 "indígenas"; 4 "judaicos"; 4 do "oriente-médio"; 6 do "sudeste asiático"; e 5 "sul-americanos".

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PCERP, IBGE (2008).

A leitura da mesma tabela, contudo, mostra que 16 pessoas que identificaram sua origem na pergunta aberta selecionaram o "não sabe" ou não selecionaram nenhuma das opções na fechada, sendo que 12 delas tinham origem oriental, o que pode mostrar que a expressão "sudeste asiático" não foi compreendida como sinônimo das categorias que elas acionaram: Chinesa; Coreana; Japonesa. Apontando a necessidade de explicitação do que significa sudeste asiático (pergunta de origem) ou origem oriental para que a definição de "amarela" do IBGE seja compreendida por aqueles com origem nessa região geográfica.

Ainda a partir dos dados da PCERP é possível verificar que em todas as outras UF, exceto São Paulo, a ampla maioria das pessoas declaradas como amarelas não assinalaram entre as opções de origem o "sudeste asiático", como apresentado na tabela 4.

Tabela 4 - Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade declaradas amarelas, por Unidades da Federação selecionadas, segundo condição de origem no sudeste asiático.

Unidades da Federação selecionadas	Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade declaradas, por condição de origem	
	Com origem no sudeste asiático*	Sem origem no sudeste asiático
Total	61,3	38,7
Amazonas	7,8	92,2
Paraíba	-	100,0
São Paulo	72,5	27,5
Rio Grande do Sul	17,3	82,7
Mato Grosso	17,8	82,2
Distrito Federal	-	100,0

* O quesito permitia múltipla escolha, pelo que aquelas pessoas que assinalaram o sudeste asiático podem ter assinalado outras opções também.

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PCERP, IBGE (2008).

Cabe destacar que na Paraíba e no Distrito Federal nenhuma pessoa declarada como “amarela” assinalou o “sudeste asiático” como sua origem. Esses dados apontam para uma compreensão da categoria “amarela” como descolada de seu sentido de “origem no sudeste asiático” num período anterior ao Censo Demográfico de 2010 e em estados em que o aumento de pessoas assim declaradas foi expressivo, como mostramos nos Gráficos 1 e 2.

Autodeclaração de cor ou raça entre escolares na PeNSE

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) é uma pesquisa implementada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde e com o Ministério da Educação, que teve sua primeira edição em 2009 e que desde essa edição utiliza um Dispositivo Móvel de Coleta (DMC) que permite que o escolar responda diretamente a um questionário eletrônico, sem a interferência do entrevistador. Tal método permitiu que a pesquisa fosse realizada simultaneamente por um grande número de escolares, de forma independente e espontânea, resguardada a privacidade.

Esta pesquisa é particularmente interessante para pensar o quesito de cor ou raça pelo fato de a mesma permitir que o mesmo seja autodeclaratório para a totalidade dos entrevistados. Em relação ao Censo Demográfico de 2010, a PeNSE utiliza a mesma redação no quesito de cor ou raça, as mesmas opções de resposta, na mesma ordem e não apresenta qualquer instrução para as categorias em seu manual e questionário, apesar de pesquisar um grupo específico de pessoas que estão frequentando o 9º ano do ensino fundamental no momento de sua realização.

Analisando as duas últimas edições da PeNSE, podemos apontar uma relativa estabilidade das proporções de escolares autodeclarados amarelos nos anos de 2012 e 2015, sendo a estimativa para a proporção de amarelos de 4,1% nos dois anos. Na tabela 5 apresentamos a variação dessa estimativa para Grandes Regiões, Municípios das Capitais e Distrito Federal, assim como a tendência onde os aumentos ou diminuições foram estatisticamente significativas.

Nos dois períodos em análise, as regiões Nordeste e Centro-Oeste destacam-se pela maior proporção de pessoas autodeclaradas amarelas, tendo a proporção para 2015 sido estimada em 4,7% para ambas as regiões. As regiões Norte e Sul apresentaram proporções de amarelos abaixo da média nacional nos dois anos, para 2015 essa proporção de amarelos foi estimada em 3,7% e 2,9% respectivamente.

Comparando as estimativas encontradas nos dois períodos em que a PeNSE foi realizada, verificamos ainda que houve um aumento da proporção de amarelos entre escolares do 9º ano do ensino fundamental no total dos municípios das capitais de 0,5 pontos percentuais (pp). Os municípios das capitais que apresentaram aumentos significativos foram Manaus (0,5 pp), João Pessoa (2,4 pp), Salvador (2,6 pp), São Paulo (1,4 pp) e Curitiba (1,8 pp). Três municípios das capitais apresentaram diminuição na proporção de amarelos, são eles Porto Velho (-1,5 pp), São Luís (-1,1 pp) e Teresina (-2,7 pp).

Em 2012, os municípios das capitais que apresentavam maior proporção de escolares autodeclarados amarelos eram: Rio Branco (7,5%); Maceió (7,5%) e Teresina (7,1%). Hierarquização que se modifica em 2015, quando João Pessoa se torna o município da capital com maior proporção de escolares autodeclarados amarelos (7,8%), seguido de Maceió (7,7%), de Salvador (7,6%) e Rio Branco aparece em quarto lugar com 6,3%. De notar que Teresina passa para o 18º lugar em termos de proporção de escolares autodeclarados como amarelos em 2015, denotando uma instabilidade dessa autodeclaração entre os escolares que frequentavam o 9º ano do ensino fundamental num intervalo de três anos, que não aparenta relação com dimensões demográficas da população residente no Brasil e com origem oriental.

Tabela 5 – Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões, Municípios das Capitais e Distrito Federal.

Grandes Regiões, Municípios das Capitais e Distrito Federal	Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, por cor ou raça			
	Amarela			
	Estimativas (%)		Comparação 2015-2012	
	2012	2015	Variação (pp)	Situação
Brasil	4,1	4,1	0,0	→
Total dos Municípios das Capitais	4,5	5,0	0,5	↑
Norte	4,3	3,7	-0,5	→
Porto Velho	4,7	3,2	-1,5	↓
Rio Branco	7,5	6,3	-1,3	→
Manaus	4,0	4,5	0,5	↑
Boa Vista	2,4	3,3	0,8	→
Belém	3,8	4,2	0,4	→
Macapá	4,0	3,2	-0,8	→
Palmas	4,4	5,8	1,4	→
Nordeste	4,6	4,7	0,1	→
São Luís	2,7	1,7	-1,1	↓
Teresina	7,1	4,4	-2,7	↓
Fortaleza	6,6	5,4	-1,2	→
Natal	6,5	6,2	-0,3	→
João Pessoa	5,4	7,8	2,4	↑
Recife	6,0	5,3	-0,7	→
Maceió	7,5	7,7	0,2	→
Aracaju	4,2	5,3	1,2	→
Salvador	5,0	7,6	2,6	↑
Sudeste	4,0	4,1	0,1	→
Belo Horizonte	4,5	4,6	0,1	→
Vitória	3,2	3,6	0,4	→
Rio de Janeiro	3,9	4,7	0,8	→
São Paulo	3,8	5,2	1,4	↑
Sul	3,2	2,9	-0,3	→
Curitiba	3,6	5,4	1,8	↑
Florianópolis	3,3	3,0	-0,3	→
Porto Alegre	1,5	2,1	0,6	→
Centro-Oeste	4,8	4,7	-0,1	→
Campo Grande	5,3	4,9	-0,4	→
Cuiabá	3,6	3,8	0,2	→
Goiânia	6,0	6,0	-0,0	→
Distrito Federal	6,3	5,2	-1,1	→

Fonte: Elaborado a partir das publicações da PeNSE 2012 e PeNSE 2015.

Teste Cor ou Raça 2016

A análise dos resultados obtidos através do teste de cor ou raça foi organizada de forma a realizar uma apresentação inicial da amostra obtida e sua comparação com os informantes. Além disso, apresentamos algumas informações sobre os informantes que declararam alguém como amarelo, quando as mesmas apresentem alguma diferenciação em relação aos demais informantes que possa ser um fator que contribua para a seleção dessa categoria. Não pretendemos com isso afirmar uma relação de causa efeito, mas apontar diferenças que possam ser futuramente estudadas para testar possíveis correlações.

Após essa apresentação da amostra e dos informantes, que desagregamos por municípios visando apresentar as diferenças entre os mesmos, seguimos para uma análise focada nas quatro questões sobre “cor ou raça”. Iniciamos, assim, por uma apresentação das categorias acionadas de forma espontânea pelos informantes do teste, e uma apresentação de como elas se traduzem nas categorias do IBGE ao longo de todo o teste. Em seguida analisamos a distribuição por cor ou raça da amostra do teste e como os informantes justificam a escolha das categorias “parda” ou “amarela” para se autotranscreverem ou transcreverem algum morador do domicílio em relação a sua “cor ou raça”. Os dois pontos seguintes buscam compreender as mudanças na distribuição de “cor ou raça” provocadas pela apresentação das definições de “parda” e de “amarela”, assim como compreender as movimentações provocadas pela apresentação das mesmas aos informantes. O quinto ponto busca apontar as variações desde a primeira pergunta categorizada até à última, mostrando como fica a distribuição ao final do teste. Finalmente, uma comparação dos resultados obtidos no teste para a parte da amostra pré-selecionada com os resultados do censo demográfico de 2010 é realizada, com a devida cautela considerando que o instrumento de coleta e o ambiente construído para o teste junto aos informantes são bem diferentes.

Descrição da amostra e dos informantes

A amostra do teste foi composta por 327 domicílios, 147 em Petrópolis e 180 em Volta Redonda, sendo 177 pré-selecionados como contendo pelo menos uma pessoa declarada como “amarela” em 2010, 70 em Petrópolis e 107 em Volta Redonda. Destes domicílios, 36,4% mantiveram o mesmo núcleo familiar de 2010, sendo esse percentual mais elevado em Petrópolis (52,5%) do que em Volta Redonda (25,3%). 57% dos domicílios da amostra preservaram parcialmente o núcleo familiar de 2010, ou seja, alguém saiu ou faleceu, alguém entrou ou nasceu no intervalo entre o Censo Demográfico de 2010 e o Teste de Cor ou Raça de 2016, sendo que em Volta Redonda esse percentual (68,2%) foi superior ao de Petrópolis (40,9%). Em cerca de 6,5% dos domicílios pré-selecionados o núcleo familiar era totalmente distinto, percentual próximo nos dois municípios.

Ao todo 1.190 pessoas compõem a amostra, 557 em Petrópolis e 633 em Volta Redonda. No total da amostra 51,5% são mulheres e 48,5% homens, proporção idêntica à coletada pelo Censo Demográfico em 2010 nesses setores, distribuição que não se altera muito nos dois municípios: 51,0% de mulheres em Petrópolis e 52,0% de mulheres em Volta Redonda.

Comparando com a distribuição por sexo entre os informantes do teste, verificamos uma proporção maior de informantes mulheres (63,0%), em particular no município de Volta Redonda (66,7%), quando comparada com a de Petrópolis (58,5%). Olhando os informantes que declararam algum morador como amarelo no quesito de cor ou raça categorizado e sem definições do teste, não identificamos uma influência dessa característica na classificação de alguém como de cor ou raça “amarela”.

A distribuição por condição de domicílio da amostra não apresenta variações significativas entre os dois municípios, conforme tabela 6. Ainda de acordo com essa tabela, a maioria dos informantes são as pessoas responsáveis pelo domicílio (54,7%), seguidos dos cônjuges ou companheiro(as) (22,9%) e dos(as) filhos(as) (16,8%).

Tabela 6 - Distribuição percentual de pessoas por condição no domicílio, segundo os municípios selecionados.

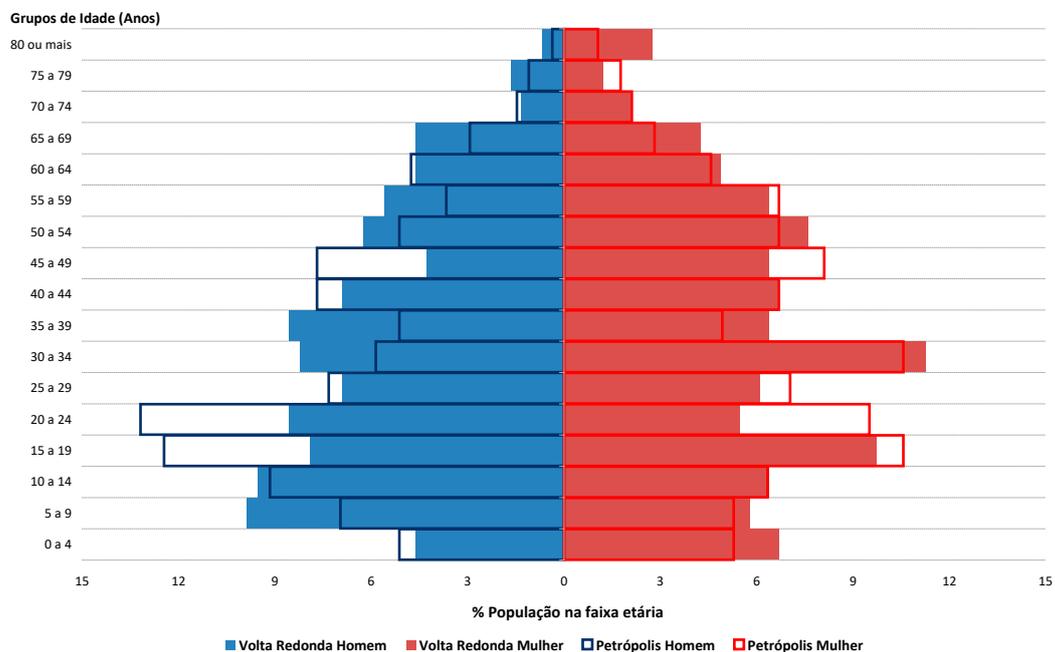
Municípios	Distribuição de pessoas por condição de domicílio (%)						
	Total	Pessoa responsável	Cônjuge, Companheiro(a)	Filho(a), Enteado(a)	Outros parentes	Agregado(a), Convivente, Pensionista	Empregado(a) doméstico(a), Parente do(a) empregado(a)
Moradores em geral							
Total	100,0	27,5	17,6	39,5	15,0	0,3	0,1
Petrópolis	100,0	26,4	17,2	40,2	16,0	-	0,2
Volta Redonda	100,0	28,4	17,9	38,9	14,2	0,6	-
Informantes							
Total	100,0	54,7	22,9	16,8	5,5	-	-
Petrópolis	100,0	52,4	21,1	19,0	7,5	-	-
Volta Redonda	100,0	56,7	24,4	15,0	3,9	-	-
Informantes que declararam ao menos um morador como amarelo							
Total	100,0	39,1	28,3	19,6	13,0	-	-
Petrópolis	100,0	28,6	23,8	23,8	23,8	-	-
Volta Redonda	100,0	48,0	32,0	16,0	4,0	-	-

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Quando analisamos os informantes que declararam pelo menos um dos moradores como amarelo essa distribuição sofre alterações que diferem entre os municípios. Em Petrópolis o peso relativo de pessoas responsáveis pelos domicílios diminui (passa de 52,4% para 28,6%) e aumenta o peso relativo de filhos(as) (de 19,0% para 23,8%) e outros parentes (de 7,5% para 23,8%). Em Volta Redonda, o peso relativo de pessoas responsáveis pelos domicílios diminui menos (passa de 56,7% para 48,0%), aumenta o peso do cônjuge ou companheiro(a) (de 24,4% para 32,0%), mantendo-se os demais relativamente estáveis (cf. Tabela 6).

A distribuição etária da amostra nos dois municípios encontra-se no gráfico 4, onde é possível notar que a população de Petrópolis mostrou-se mais jovem que a de Volta Redonda.

Gráfico 4 – Pirâmide etária da amostra do teste.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Analisando as faixas etárias, aquelas que concentram a maior proporção de informantes¹⁸ são as de 30 a 34 anos de idade (12,5%), 50 a 54 anos (10,1%), 35 a 39 anos (9,8%) e 55 a 59 anos (8,9%). Em Petrópolis as faixas etárias de 20 a 24 anos, 30 a 34 anos e 55 a 59 anos concentraram cada uma 10,2% dos informantes, seguidas da faixa entre 35 a 39 anos (9,5%). Em Volta Redonda os informantes concentraram-se em faixas etárias mais elevadas: 14,4% entre 30 e 34 anos; 11,1% entre 50 e 54 anos; 10,0% entre 35 e 39 anos e 8,9% entre 65 e 69 anos (vide tabela 7).

¹⁸ O informante tinha pelo menos 10 anos de idade.

Tabela 7 – Distribuição etária dos informantes do teste, segundo os municípios selecionados.

Distribuição etária dos informantes (%)			
Grupos de Idade (Em anos)	Total	Petrópolis	Volta Redonda
10 a 14	3,1	3,4	2,8
15 a 19	5,8	6,8	5,0
20 a 24	7,0	10,2	4,4
25 a 29	5,5	5,4	5,6
30 a 34	12,5	10,2	14,4
35 a 39	9,8	9,5	10,0
40 a 44	7,3	7,5	7,2
45 a 49	8,0	7,5	8,3
50 a 54	10,1	8,8	11,1
55 a 59	8,9	10,2	7,8
60 a 64	8,3	8,8	7,8
65 a 69	6,4	3,4	8,9
70 a 74	3,7	4,1	3,3
75 a 79	2,1	2,0	2,2
80 ou mais	1,5	2,0	1,1

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

A maioria das pessoas pesquisadas no teste é natural do Rio de Janeiro (79,2%), sendo Minas Gerais a segunda naturalidade com maior peso na amostra (15,6%). Padrão que se repete nos dois municípios, com pesos diferenciados. Em Petrópolis, 88,5% são naturais do Rio de Janeiro, 9,7% de Minas Gerais e 1,8% são de outras naturalidades: Ceará; Bahia; Espírito Santo; Rondônia; Maranhão; Sergipe e Paraná. Em Volta Redonda 71,1% são naturais do Rio de Janeiro, 20,9% de Minas Gerais, 3,3% em São Paulo, 1,4% da Bahia; 1,4% do Espírito Santo e 1,9% são de outras naturalidades: Pernambuco; Ceará; Piauí; Rio Grande do Norte; Paraíba; Paraná e Goiás.

Ao analisar os informantes verificamos que se mantém a hierarquia, com o Rio de Janeiro (68,2%) com maior peso, seguido de Minas Gerais (25,5%). Entre os informantes de Petrópolis, 83,7% são naturais do Rio de Janeiro, 14,3% de Minas Gerais e 2,0% são de outras naturalidades: Bahia; Rondônia e Sergipe. Em Volta Redonda 55,6% são naturais do Rio de Janeiro, 34,4% de Minas Gerais, 3,9% em São Paulo, 2,8% do Espírito Santo e 3,3% são de outras naturalidades: Pernambuco; Ceará; Piauí; Rio Grande do Norte. A análise para os informantes que declaram pelo menos uma pessoa como de cor ou raça “amarela” aponta para uma concentração de pessoas naturais de Minas Gerais, sobretudo em Volta Redonda, onde esta frequência supera a de pessoas naturais do Rio de Janeiro.

Tabela 8 - Distribuição percentual de pessoas por naturalidade, segundo os municípios selecionados.

Municípios	Distribuição de pessoas por naturalidade (%)				
	Rio de Janeiro	Minas Gerais	São Paulo	Espírito Santo	Outros
Moradores em geral					
Total	79,2	15,6	1,8	0,9	2,4
Petrópolis	88,5	9,7	-	0,4	1,4
Volta Redonda	71,1	20,9	3,3	1,4	3,3
Informantes					
Total	68,2	25,4	2,1	1,5	2,8
Petrópolis	83,7	14,3	-	-	2,0
Volta Redonda	55,6	34,4	3,9	2,8	3,3
Informantes que declararam ao menos um morador como amarelo					
Total	60,9	34,8	2,2	2,2	-
Petrópolis	81,0	19,0	-	-	-
Volta Redonda	44,0	48,0	4,0	4,0	-

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Na amostra, 95,3% das pessoas são alfabetizadas, percentual igual para Petrópolis e Volta Redonda, e ligeiramente superior ao percentual coletado nos mesmos setores pelo Censo Demográfico em 2010, que foi de 94,7%. Os homens apresentam um percentual de alfabetização superior na amostra (96,5%), e nos dois municípios, em relação ao percentual de alfabetização das mulheres (94,1%), conforme tabela 9.

No grupo de informantes, 96,3% são alfabetizados. Em Petrópolis o percentual é de 95,2 e em Volta Redonda de 97,2. Os informantes homens apresentam um percentual de alfabetização superior (98,4%), nos dois municípios, em relação ao percentual de alfabetização das mulheres (95,2%), conforme tabela 8. Todos os informantes que declaram pelo menos uma pessoa como amarela no domicílio, em qualquer das perguntas, são alfabetizados, nos dois municípios.

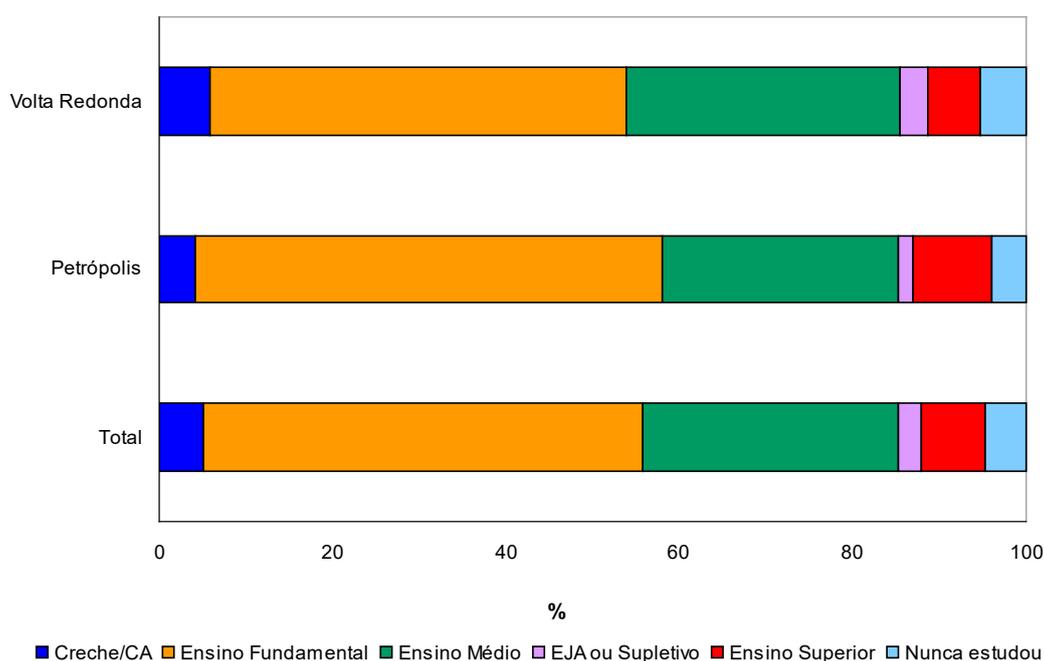
Tabela 9 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade, por município selecionado e sexo, segundo a alfabetização – 2016.

Municípios	Alfabetização por sexo (%)					
	Total		Homem		Mulher	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pessoas de 5 anos ou mais						
Total	95,3	4,7	96,5	3,5	94,1	5,9
Petrópolis	95,3	4,7	96,9	3,1	93,7	6,3
Volta Redonda	95,3	4,7	96,2	3,8	94,5	5,5
Informantes						
Total	96,3	3,7	98,3	1,7	95,1	4,9
Petrópolis	95,2	4,8	98,4	1,6	93,0	7,0
Volta Redonda	97,2	2,8	98,3	1,7	96,7	3,3

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

A maioria das pessoas pesquisadas (50,7%) frequentam ou frequentaram o regular do ensino fundamental (sendo que 55,2% não concluíram e 30,3% ainda estão cursando), 29,6% o regular do ensino médio (sendo que 19,8% não concluíram e 16,1% ainda estão cursando), 7,5% algum curso superior (sendo que 18,2% não concluíram e 40,0% ainda estão cursando) e 4,7% nunca estudou. A distribuição por municípios apresenta o mesmo padrão, com diferenças sutis em algumas proporções, conforme o gráfico 5.

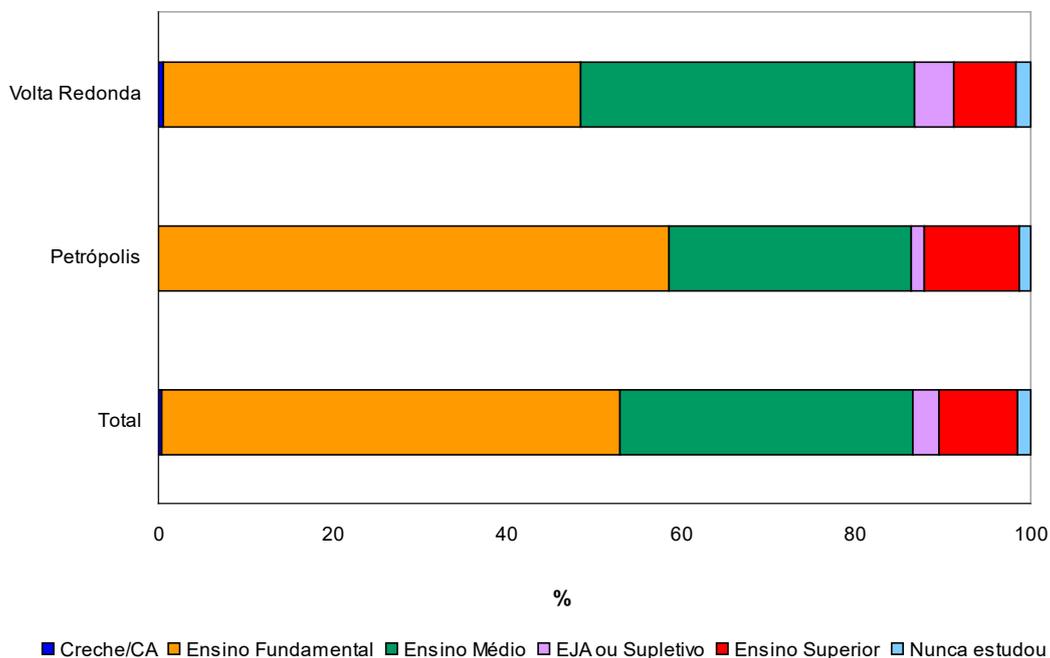
Gráfico 5 – Pessoas que frequentaram escola, por município selecionado, segundo o nível de ensino que frequentou.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Comparando essa distribuição por nível de ensino frequentado com a distribuição dos informantes (cf. Gráfico 6) verificamos que a maioria dos informantes (52,6%) também frequentou o regular do ensino fundamental, contudo a taxa de não conclusão entre eles (79,0%) é superior à da amostra e a de frequência (7,6%) é inferior. O mesmo não ocorre quando olhamos para aqueles informantes que frequentaram o regular do ensino médio (33,6%), considerando que desses, 70,9% havia concluído e 6,4% ainda estavam cursando. Dos informantes que frequentaram o superior de graduação (8,9%), uma proporção superior (31,0%) não concluiu e 31,0% ainda estavam cursando. Apenas 1,5% dos informantes nunca estudaram. Novamente, o padrão da distribuição é parecido entre os municípios.

Gráfico 6 – Informantes que frequentaram escola, por município selecionado, segundo o nível de ensino que frequentou.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Essa mesma distribuição foi calculada para os informantes que declararam pelo menos um morador como amarelo na pergunta de cor ou raça categorizada e sem definições. Identificamos um aumento do peso de informantes que frequentaram o regular do ensino fundamental responsável por 63,0% do total da amostra, com uma taxa de não conclusão de 72,4%, sendo que 17,2% ainda estão frequentando esse nível de ensino. Um peso ligeiramente inferior de informantes que frequentaram o regular do ensino médio (30,4%), com uma taxa de conclusão entre eles ligeiramente superior (30,4%) e um peso muito inferior dos que frequentaram a graduação (2,2%), sendo que todos a haviam concluído. Todos os informantes que declararam alguém como amarelo frequentaram escola, sendo que 4,5% frequentaram educação de jovens e adultos ou supletivo do ensino fundamental; metade destes não concluíram esse nível de ensino e a outra metade ainda estava cursando na data do teste.

Após a apresentação das definições das categorias “parda” e “amarela” 16 informantes mantiveram 21 pessoas declaradas como amarelas. Analisando o nível de ensino frequentado por elas, verificamos que nenhuma frequentou um nível de ensino acima do ensino médio regular: 87,5% frequentaram o regular do ensino fundamental (78,6% dos quais não concluíram e 14,3% ainda estavam cursando); 6,3% frequentavam a educação de jovens e adultos ou o supletivo do ensino fundamental; e 6,3% frequentaram o regular do ensino médio, mas não concluíram.

Estes dados apontam que os informantes que mantiveram pessoas como amarelas após a definição dessa categoria apresentam um nível de escolaridade com peso maior do nível fundamental incompleto, quando comparado com os demais informantes e com a amostra do teste.

Categorias abertas de “cor ou raça”

No questionário do teste foi requisitado que os informantes respondessem para si e para os demais moradores do domicílio dois tipos de perguntas sobre cor ou raça: aberta e fechada. Na pergunta aberta não foi sugerido qualquer tipo de resposta, cabendo ao informante declarar espontaneamente sua cor ou raça. Por sua vez, as respostas à pergunta fechada se restringiam às categorias utilizadas pelo IBGE: “branca”; “preta”; “amarela”; “parda”; e “indígena”. Como já apontado, a primeira pergunta fechada não apresentava qualquer definição e as outras apresentavam a definição de parda e de amarela, respectivamente.

A questão aberta antecedeu as três perguntas fechadas, de modo que o informante deveria responder sem ter acesso a qualquer categoria ou conceito utilizado pelo IBGE. O interessante desta questão, como veremos adiante, é acompanhar a correspondência entre as falas mencionadas de modo voluntário pelos informantes e as opções de resposta utilizadas pelo IBGE acionadas pelos informantes.

As respostas à questão aberta foram refinadas e agrupadas em 29 categorias, além daquelas colocadas nos grupos “Não sabe” e “Não entendeu”. No primeiro momento checamos as respostas do entrevistador com as do observador, realizando pequenas alterações e correções gramaticais e uniformizando a escrita no feminino. Em alguns casos foi necessário fazer uma revisão dos registros das perguntas abertas realizados pelos(as) entrevistadores(as). Em particular, foram corrigidas as categorias de “cor ou raça”, uma vez que os(as) entrevistadores(as) tendiam a registrar apenas uma das respostas. Essa opção por manter todas as categorias acionadas permitiu identificar as categorias que são usadas como sinônimos, assim como, quais as categorias que as pessoas identificam como separadas por uma fronteira borrada em relação às quais denotam incerteza sobre qual delas melhor representa sua “cor ou raça”.

A partir disso separamos as respostas que indicavam o não entendimento da pergunta pelos informantes, como foi o caso de respostas como “mineira”, “capixaba” e “cor”. Esta ocorrência correspondeu a 0,4% dos casos, o que nos sugere que a pergunta não apresentou problemas de entendimento. Em outros casos o informante havia compreendido a pergunta, mas relutava em responder ou afirmava não saber declarar sua cor ou raça. Estes casos foram agrupados entre os “Não sabe”, que correspondeu a 0,5% das entrevistas realizadas. Selecionamos ainda um pequeno grupo de respostas que foram agrupadas como “outros”, como foi o caso de respostas como “cor de café” e “cor de pum”, que caracterizou 0,3% dos domicílios.

O resultado desse processo de refinamento foi o conjunto de 29 categorias cuja distribuição pode ser acompanhada na tabela seguinte:

Tabela 10 – Total de pessoas e sua distribuição por categorias abertas de cor ou raça, no total da amostra.

Categorias de Cor ou Raça	Frequência Absoluta	Frequência Percentual
Total	1190	100,0
Branca	431	36,2
Parda	249	20,9
Morena	190	16,0
Negra	151	12,7
Amarela	31	2,6
Preta	29	2,4
Escura	16	1,3
Morena clara	15	1,3
Mestiça ou misturada	12	1,0
Mulata	8	0,7
Parda ou morena	8	0,7
Clara	7	0,6
Morena escura	7	0,6
Não sabe	6	0,5
Não entendeu	5	0,4
Outra	4	0,3
Morena ou mulata	3	0,3
Amarela ou morena	2	0,2
Branca ou parda	2	0,2
Indígena	2	0,2
Marrom	2	0,2
Parda ou amarela	2	0,2
Amarela ou branca	1	0,1
Amarela ou indígena	1	0,1
Morena ou branca	1	0,1
Morena ou negra	1	0,1
Negra ou indígena	1	0,1
Parda ou negra	1	0,1
Preta ou indígena	1	0,1
Preta ou negra ou morena	1	0,1

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Analisando a tabela podemos perceber como algumas das categorias utilizadas pelo IBGE são as mesmas mobilizadas pelos informantes para declarar espontaneamente sua cor ou raça. Há que se destacar que 62,4% (742 pessoas) das pessoas foram classificadas recorrendo às categorias “branca”, “preta”, “amarela”, “parda” ou “indígena”.

Destacamos que das cinco categorias utilizadas pelo IBGE, quatro estão entre as dez mais acionadas pelos informantes na pergunta aberta, são elas: “branca” (36,2%), “parda” (20,9%), “amarela” (2,6%) e “preta” (2,4%). Apesar do peso relativo menor da

categoria “indígena” entre as categorias abertas, que obteve um percentual de 0,17%, esta se aproxima de seu peso relativo no Censo Demográfico de 2010 para os setores selecionados no teste que foi de 0,16%.

A categoria “parda” destaca-se com uma frequência em torno de 21%, sendo a segunda categoria mais citada. No mesmo sentido a resposta “amarela” se sobressai ao ser acionada por 2,6% dos informantes. Apesar de ser esperado um número relevante de amarelos, uma vez que o teste selecionou domicílios cujos informantes haviam declarado no Censo Demográfico de 2010 algum morador como amarelo, é digno de nota o grande número de respostas sem qualquer estímulo nesta categoria. Estes números significativos de pardos e amarelos sugerem que estas categorias têm sido recorrentemente e espontaneamente apropriadas pelas pessoas sem que estas atribuam necessariamente os mesmos significados definidos conceitualmente pelo IBGE. No caso específico da categoria “amarela” a não vinculação com a origem oriental evidencia uma ressignificação do conceito, como veremos adiante.

Em alguns casos os informantes declararam mais de uma cor ou raça para este quesito, associando duas categorias numa única resposta para o mesmo morador. Assim sendo optamos por manter todas as categorias que foram declaradas pelo informante, pois compreendemos que foram utilizadas de forma equivalente, como podemos exemplificar nas seguintes respostas: “Sou morena, parda...”; “Amarelo, moreno... Sei lá!”. Os casos com mais de uma categoria são: “parda ou morena”; “morena ou mulata”; “amarela ou morena”; “branca ou parda”; “parda ou amarela”; “amarela ou branca”; “amarela ou indígena”; “morena ou branca”; “morena ou negra”; “negra ou indígena”; “parda ou negra”; “preta ou indígena”; “preta ou negra ou morena”.

A categoria branca correspondeu a 36,2% das respostas recebidas no campo. A partir dos relatórios de observação podemos aprofundar a análise desta categoria e perceber como esta resposta é frequentemente complementada por dois tipos de percepções distintas: de um lado algumas pessoas utilizaram a categoria branca qualificando-a no sentido de afirmação de “pureza” desta cor; por outro lado, outros informantes indicaram a existência de algum tipo de mistura que tornaria este branco não tão branco. Em resumo, podemos estabelecer analiticamente dois distintos modelos relacionados à categoria branca: o primeiro que reafirma sua branquitude a partir da descendência européia, dos traços físicos e da cor da pele e o segundo que numa lógica oposta faz uma ponderação desta categoria a partir da descendência, do fenótipo e da cor da pele.

No primeiro caso podemos pontuar quatro lógicas – e seus respectivos exemplos - que nos ajudam a compreender a construção desta ideia de branquitude “pura” (6,7% do total de pessoas declaradas brancas):

a) Descendência ou origem européia:

"É branca pra caramba. É alemã. Branca tipo folha."

"Sou branco, sou português."

"É alemão. É branco."

b) Fenótipo, especialmente olhos e cabelos claros:

"Minha mulher e filhos são loiros de olhos azuis."

"Branco de olhos verdes e louro."

"É loiro. É branco demais."

c) Cor da pele:

"Sou branca, quase transparente."

"É branco, ele é leite mesmo."

"Sou branca azeda."

d) Negação de uma origem ou descendência negra:

"Branca! Tem lelê aqui não."

Já no segundo caso podemos observar como os informantes lançam mão das mesmas lógicas para estabelecer uma ideia de branco "não puro" (4,2% do total de pessoas declaradas brancas):

a) Descendência ou origem negra

"Branca né, eu tenho um pé lá na senzala, mas sou branca."

b) Fenótipo

"Ih, agora pensando nisso é difícil! Sou branca, mas tenho parente negro também. Tenho olho verde e cabelo ruim."

c) Cor da pele

"Branco para moreno pela cor da pele."

"Branco pardo, o que você é? Ele por enquanto é branco daqui a pouco fica mais mulatinho."

Retomando a análise da tabela 9, outro elemento que merece destaque é a menção à categoria “negra¹⁹”, correspondente a 12,7% das pessoas entrevistadas, número significativamente superior à categoria “preta”, com 2,4%. Este ponto sugere que a categoria “negra” conta com uma grande identificação por parte dos informantes, capaz de estimulá-los a se declarar espontaneamente com esta categoria.

Vale notar que durante as entrevistas alguns informantes criticaram a categoria “preta” do IBGE por entenderem que seria uma abordagem racista e preconceituosa, como exemplifica este trecho do relatório de observação referente à fala de um informante:

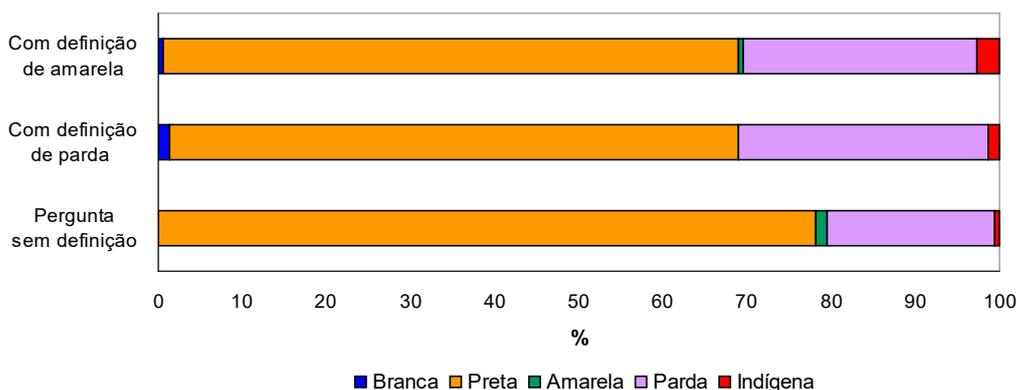
Seria negro e não preto, mas como não está aí...

[Testa franzida]. Continuo negro, eu falo negro e no questionário está preto... mas preto é cor de tinta. Mas quem sou eu para corrigir o questionário de vocês!? Posso ser uma minoria [...].

Vocês poderiam tirar preto que é cor de coisas e animais, a raça é negra.

Podemos desdobrar esta análise acompanhando ainda as respostas das pessoas declaradas negras na questão aberta com as respostas às outras perguntas de cor ou raça do questionário do teste, como demonstra o gráfico 7:

Gráfico 7 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “Negra” no quesito aberto, nas perguntas sem definição, com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

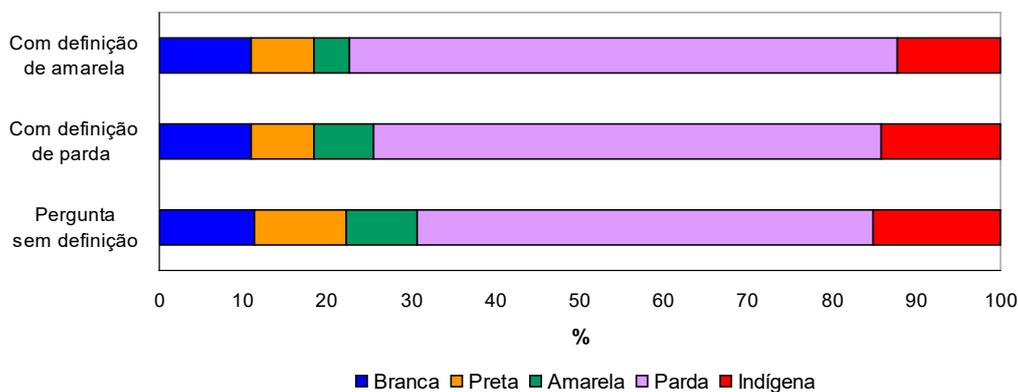
¹⁹ Considerando apenas as declarações de negro e negra, não contabilizando “morena ou negra” (1 pessoa), “negra ou indígena” (1 pessoa), “parda ou negra” (1 pessoa) e “preta ou negra ou morena” (1 pessoa).

Do total de informantes que se declararam negros na pergunta aberta, 78,1% responderam “preta” e 19,9% se disseram “pardos” na primeira pergunta fechada. Após a leitura da definição da categoria “parda” este número se altera com o aumento de 9,9 pontos percentuais na proporção de declarantes pardos – que passa para 29,8% – e diminuição de 10,6 pontos percentuais na proporção de declarantes “pretos” – com 67,5%. Após a leitura do conceito de amarelo estes percentuais se alteram pouco: a categoria “preto” fica com 68,2% e “pardo” com 27,8%.

Podemos perceber que a categoria aberta “negra” não corresponde unicamente ou exclusivamente à categoria “preta”, pois engloba também os pardos – que assumem um percentual significativo de 27,8%, com a apresentação das definições – e os indígenas de 2,6%.

A resposta “morena” foi citada por 17,8% dos informantes, correspondendo a 212 casos – sendo a terceira categoria mais acionada. Dentre este universo, 7,1% se declararam morena clara e 3,3% morena escura. Ao analisarmos as respostas à pergunta aberta é possível perceber como esta categoria é bastante recorrente entre os informantes, que declararam ainda respostas como “parda ou morena” (8 pessoas); “morena ou mulata” (3 pessoas), “amarela ou morena” (2 pessoas); “morena ou branca” (1 pessoa); “morena ou negra” (1 pessoa) e ainda “preta ou negra ou morena” (1 pessoa).

Gráfico 8 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “Morena” no quesito aberto, nas perguntas sem definição, com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Se acompanharmos as respostas daqueles que declararam “morena” na pergunta aberta – tal como fizemos com a resposta “negra” – podemos estabelecer três pontos interessantes de observação. Ao analisar o gráfico 8, observamos como a resposta “morena” se desdobra em números significativos em todas as outras categorias fechadas. Este dado nos leva a estabelecer a hipótese de que “morena” é uma categoria que engloba em si distintas percepções de cor e raça, como uma categoria de múltiplos significados.

Como veremos adiante, “morena” é uma categoria tão simbólica que foi citada como justificativa para a escolha de “pardo” na primeira pergunta de cor ou raça fechada. Nesse mesmo sentido vale notar que muitos informantes que haviam acionado essa categoria na resposta aberta reclamavam da ausência da mesma como uma das opções do IBGE. Em resumo, parece difícil atribuir um único sentido a este conceito, pois a resposta “morena” concentra em si percepções diversas e flutuantes que se distribuem entre as categorias branca, preta, amarela, parda e indígena.

Outro ponto pertinente é perceber como aqueles declarados “morenos” vão migrando para a categoria parda, que passa de 54,2% para 60,4% após a leitura do conceito de pardo utilizado neste teste e termina com 65,1% após a leitura do conceito de amarelo. Este aumento é resultado da migração de pretos, amarelos e indígenas. Este aumento é resultado da migração de pessoas declaradas como pretas, amarelas e indígenas. Este dado parece indicar que apesar da diversidade de classificações que são colocadas na categoria “morena” a leitura do conceito de pardo amplia a classificação dos “morenos” como “pardos”.

Podemos sublinhar ainda a correspondência entre as categorias “morena” e “indígena”: como mencionamos acima é na categoria “parda” que se concentra a maior parte das respostas daqueles informantes que declararam “morena” na opção aberta, apesar disso não podemos ignorar como a categoria “indígena” mantém um percentual significativo de 12,3%, aparecendo mais do que a “branca”, “preta” ou “amarela”. Em alguns casos os informantes demonstravam estabelecer esta relação, como neste exemplo: “Eu sou moreno. Pareço índio”. Em casos como este exemplificado, a resposta indígena parece evidenciar mais os aspectos da cor da pele ou do fenótipo do que propriamente uma origem indígena, e é justamente pela cor da pele que podemos apontar a correspondência com a categoria “morena”.

Quesito de cor ou raça com categorias fechadas e sem apresentação de definições

Reações à pergunta

A segunda pergunta de “cor ou raça” realizada no teste oferecia ao informante do domicílio as cinco opções de resposta utilizadas pelo IBGE desde o Censo Demográfico de 1991, ou seja, “branca”, “preta”, “amarela”, “parda” e “indígena”, pedindo que a pessoa enquadrasse a si mesma e aos demais moradores em uma dessas categorias classificatórias, não sendo permitida a não resposta ao quesito.

Não foram oferecidas quaisquer definições neste quesito, mesmo mediante solicitação do informante. Os entrevistadores explicavam que dariam mais explicações em outro momento do teste e que poderiam repetir as opções de resposta. Cabia aos entrevistadores também registrar no DMC as reações dos informantes à pergunta de acordo com suas percepções²⁰.

Verificamos que 7,0% dos informantes solicitaram que fosse repetida a pergunta sobre “cor ou raça”, sendo que isso ocorreu com mais frequência no município de Volta Redonda (11,1%) do que no município de Petrópolis (2,0%).

Menos de 4% dos informantes responderam a pergunta de “cor ou raça” categorizada sem escutar todas as alternativas, sendo que isso ocorreu com maior frequência no município de Petrópolis (7,5%) do que no município de Volta Redonda (0,6%).

Do total de informantes, 6,1% apresentou dificuldade em enquadrar a si mesmo ou outros moradores numa das categorias de “cor ou raça”, sendo que em Volta Redonda a frequência foi mais elevada (8,2%) do que em Petrópolis (3,8%).

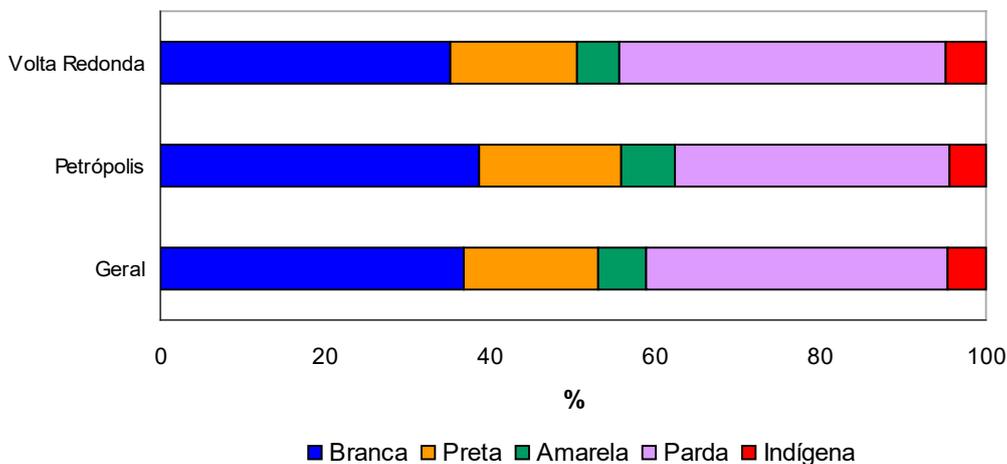
Menos de 1% do total de informantes solicitaram esclarecimentos sobre o significado das categorias de “cor ou raça”, sendo a categoria “parda” aquela para a qual mais informantes solicitaram esclarecimentos (nove no total); para as outras categorias, apenas uma pessoa (preta) ou duas (branca, amarela e indígena) solicitaram esclarecimentos.

É interessante observar que na ausência de uma definição sobre o significado da categoria “parda”, as pessoas que haviam solicitado informação sobre a mesma para enquadrarem a si ou outro morador optaram pelas categorias “branca” (para duas pessoas), “preta” (para uma pessoa), “parda” (para três pessoas) e “indígena” (para três pessoas). Contudo, ao tomarem conhecimento da definição utilizada no teste para essa categoria mudaram a classificação de três pessoas (uma “branca”, uma “preta” e uma “indígena”) para “parda”, sem qualquer alteração posterior ao tomarem conhecimento da definição da categoria “amarela”. Aqueles que solicitaram informações sobre outras categorias selecionaram aquelas para as quais solicitaram esclarecimento.

Através da pergunta de “cor ou raça” com categorias fechadas e sem apresentação de definições foi obtida uma primeira distribuição da população que participou do teste por “cor ou raça” (cf. Gráfico 9).

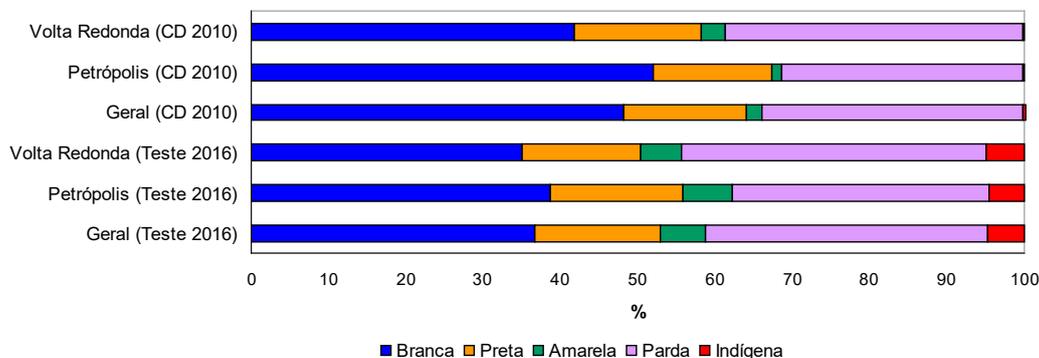
O município de Petrópolis apresenta um percentual ligeiramente mais elevado de pessoas declaradas como brancas (38,6%), pretas (17,2%), e amarelas (6,5%) do que Volta Redonda (35,1%, 15,3% e 5,2% respectivamente). Sendo a categoria “parda” a mais acionada para classificação por “cor ou raça” em Volta Redonda (39,5%).

.....
²⁰ Ver os quesitos 0402, 0403, 0404, 0405 e 4041 no Anexo 3.

Gráfico 9 - Distribuição percentual por cor ou raça (categorias fechadas, sem definições).

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Comparando a amostra do teste com os resultados do Censo Demográfico de 2010 verificamos que ao privilegiar aquelas pessoas declaradas como “amarelas” que consideramos potenciais “falsos positivos” e ao selecionar aleatoriamente nos mesmos setores o restante da amostra obtivemos uma distribuição inicial por “cor ou raça” com mais pessoas declaradas como “pretas”, “amarelas”, “pardas” e “indígenas”, assim como com menos “brancas” em relação ao Censo Demográfico de 2010, conforme Gráfico 10. Sendo que a categoria “preta” teve comportamento diferente em Petrópolis (aumentou) e em Volta Redonda (diminuiu).

Gráfico 10 - Distribuição percentual por cor ou raça (categorias fechadas, sem definições) no Teste de Cor ou Raça (2016) e no Censo Demográfico de 2010 para os mesmos setores.

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD, IBGE – 2016 e Censo Demográfico, IBGE – 2010.

Razões para selecionar as categorias “parda” e “amarela”

Caso algum morador do domicílio fosse enquadrado nas categorias “parda” ou “amarela” era perguntado ao informante porque o mesmo havia escolhido essa categoria. Essas respostas foram reportadas tanto pelo entrevistador no DMC quanto pelas pessoas que faziam a observação de cunho etnográfico. Um tratamento dessa informação qualitativa foi realizado através de um processo de análise do “discurso” dos informantes e foram construídas doze categorias que agrupam os motivos apontados para a escolha das classificações “parda” e “amarela”, são elas:

a) Gradação de cor – quando o informante ao justificar a escolha fazia referência a outras cores de pele e mencionava que a pessoa em análise era mais ou menos escura ou clara que outra, ou que a cor da pessoa se encontrava entre uma cor e outra;

b) Cor da pele – quando a pessoa apontava para a sua pele para justificar a escolha ou se referia ao motivo da escolha mencionando que essa era sua cor de pele;

c) Fenótipo em geral – quando os informantes fazem menção ao “tipo de cabelo”, juntamente ou não com menções à cor de pele, para enquadrar a si ou outros moradores em uma das categorias;

d) Mistura por cor – quando a justificativa implicava numa menção explícita à existência de uma mistura de cor de seus ascendentes;

e) Mistura por origem – quando a justificativa implicava numa menção explícita à existência de uma mistura de origens geográficas ou étnicas de seus ascendentes;

f) Ancestralidade/Origem – quando a menção às origens geográficas ou étnicas dos antepassados como motivo de escolha não faz referência a qualquer mistura;

g) Institucionalidade – quando o informante se referia à existência de um documento oficial onde essa categoria de cor ou raça constava como sendo a sua ou da pessoa que estava sendo classificada, ou quando se fazia referência a alguma autoridade (médico(a), professor(a), assistente social, entre outras) que havia classificado essa pessoa nessa categoria;

h) Exclusão – quando a escolha ocorria pela identificação da não pertença às outras categorias, pensando a categoria escolhida como a que sobrou para o enquadramento;

i) Morena – quando a pessoa utilizava a categoria selecionada como equivalente à categoria “morena” e justificava sua escolha pela ausência da categoria “morena” nas opções do IBGE;

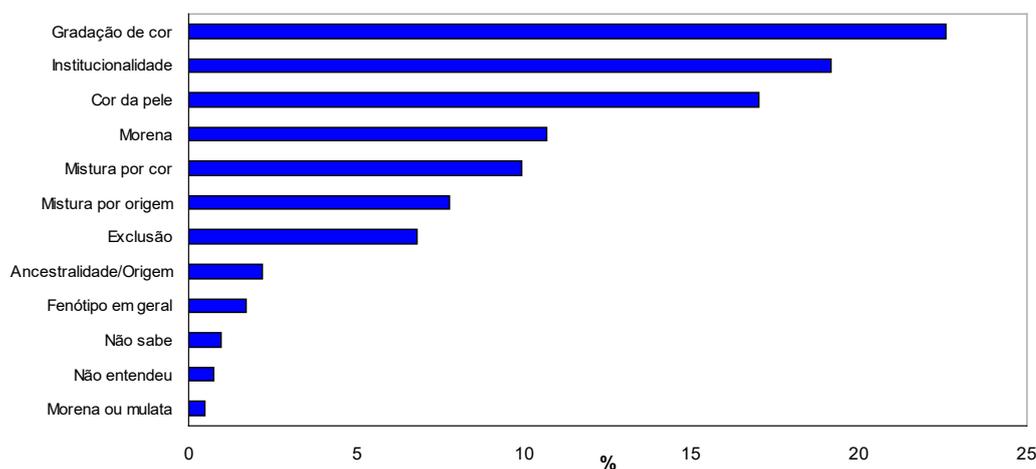
j) Morena ou mulata – quando a pessoa utilizava a categoria selecionada como equivalente à categoria “morena” ou “mulata” e justificava sua escolha pela ausência das categorias “morena” e “mulata” nas opções do IBGE;

k) Não entendeu – quando as pessoas não entendiam a pergunta;

l) Não sabe – quando as pessoas não sabiam justificar a escolha.

Analisando o conjunto de respostas sobre os motivos de seleção das categorias “parda” e “amarela”, identificamos que a dimensão relacional da cor da pele da pessoa classificada em relação às cores associadas aos outros moradores do domicílio ou em relação a outras possibilidades de cor de pele, o que rotulamos como “Gradação de Cor”, é a mais significativa, sendo responsável por 22,6% das razões para a seleção da categoria “parda” (cf. Gráfico 11)²¹. As outras duas razões mais frequentes para a escolha da categoria “parda” são a “institucionalidade” (19,2%) e a “cor da pele” (17,0%). Se adicionarmos a frequência das duas razões que remetem para a ideia de “mistura” obtemos 18,1%.

Gráfico 11 - Distribuição das justificativas apresentadas pelos informantes para selecionar a categoria “parda” na resposta sobre cor ou raça categorizada e sem definições.



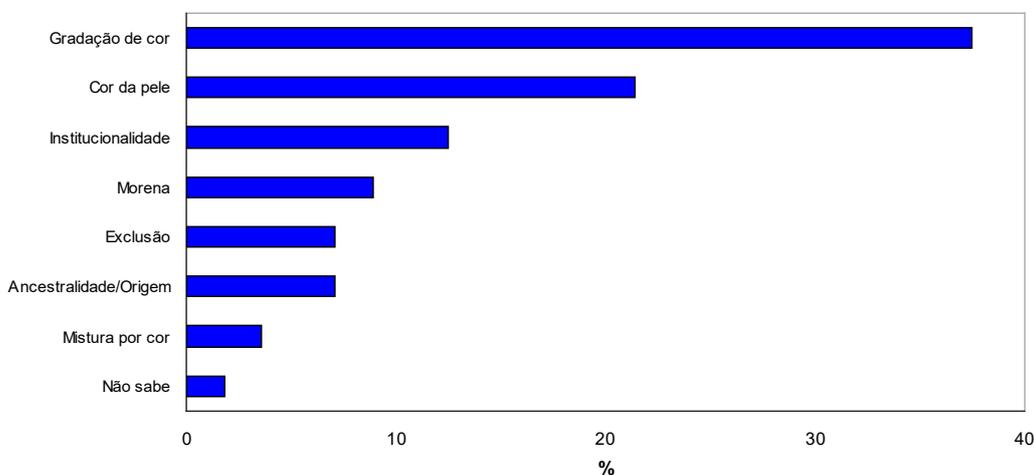
Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Entre as justificativas apresentadas para a escolha da categoria “amarela”²² (cf. Gráfico 12), a “Gradação de Cor” aparece com um destaque significativo (31,8%), sendo a segunda razão com maior frequência a “Cor da Pele” (30,3%), aparecendo em terceiro lugar a “Institucionalidade” (10,6%), ou seja, a ideia de cor associada à categoria é responsável por 62,1%.

²¹ Devido a problemas operacionais no processo de observação do quesito com categorias fechadas e sem apresentação de definições, 23 indivíduos que foram classificados como “pardos” foram excluídos desta análise.

²² Pelo mesmo motivo exposto na nota de rodapé anterior, três indivíduos que foram classificados como “amarelos” foram excluídos desta análise.

Gráfico 12 - Distribuição das justificativas apresentadas pelos informantes para selecionar a categoria “amarela” na resposta sobre cor ou raça categorizada e sem definições.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Consideramos que essa hierarquização de motivos apresentados para a seleção da categoria “amarela” permite identificar pelo menos duas hipóteses não excludentes sobre as razões que vêm levando as pessoas a se autoidentificarem como “amarelas” e a classificarem assim outros moradores dos domicílios nas operações censitárias e talvez em outras pesquisas.

A primeira é a de que a categoria “amarela” está sendo acionada pelo senso comum como sendo uma “cor” localizada entre as cores “branca” e “parda”, pensando nossas categorias como uma gradação de cores do branco ao preto²³. Frases e atitudes registradas através da observação qualitativa permitem solidificar essa hipótese, pelo que transcrevemos algumas abaixo:

“Amarelo é mais para branquinho.”

“É mais para amarelo a cor, né? Mais amarelado... mais para moreno... Não sou tão branco e nem tão preto.”

“O [...] é mais para branco... mas bota amarelo.”

“É mais clarinha. Bota amarela!”

“É meio branca e meio amarela. Ela não é exatamente aquela brancona.”

“É amarelo porque não chega a ser morena e nem escura.”

“Porque eu não sou tão branca, nem sou tão escura.”

“Porque a cor dele é mais desbotada, não é branco, nem negão.”

“Sou mais clara que o meu pai. O meu pai era moreninho, a minha mãe era clarinha que nem vocês.”

²³ A reflexão sobre a pessoa que se declara como “indígena” no contexto de gradação de cores dependeria de estudos complementares com foco mais específico para essa categoria, que a exemplo da “amarela” registra baixa frequência, o que implicaria uma seleção direcionada de domicílios.

“Porque tem a morena, a morena rosada e meu moreno é mais amarelado do que pardo. Fui pelo tom de pele. A gente chega a ser 11 ou 12 tons de pele.”

“Porque nem sou branca, nem parda. Sou meio termo. Mas para caráter legal eu sou branca.”

“Não é branco, é amarelo. Não é preto, é amarelo.” (Relatórios de Observação, Teste de Cor ou Raça, CTD/IBGE – 2016)

A segunda hipótese é de que as instituições que classificam a cor ou raça de seus beneficiários estão utilizando a categoria “amarela” como cor de pele e não com o significado que a mesma tem nos manuais do IBGE, ou seja, de que se “considera de cor ou raça amarela, a pessoa de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana, etc.”:

“Sou amarela porque tem na minha carteira de vacina.”

“Porque não é uma cor definida e porque no documento está amarelo. Então acho que é amarela.”

[O filho pede para colocar negro, a informante fala que nem no sangue ele é negro]. “Acho que ele é branco, mas no documento [DNV] está amarelo” (informante). [O filho falou que era indígena e não amarelo. Ela responde que na certidão dele está amarelo]. (Relatórios de Observação, Teste de Cor ou Raça, CTD/IBGE – 2016).

Influência da ancestralidade e origem na classificação por cor ou raça

A pergunta sobre origem realizada no teste foi alterada após o pré-teste considerando alguns vieses identificados. O primeiro era a existência de uma opção de origem “brasileira” e o outro o impacto da leitura da opção “não sabe”. Ambas atraíram a maioria das respostas pela facilidade da escolha quando comparada com o exercício de pensar as origens da família. No teste a opção “brasileira” foi retirada, sendo possível escolhê-la apenas ao selecionar outra origem e explicitando qual. Em relação à opção “não sabe”, embora a mesma constasse das alternativas, a orientação era de que o entrevistador não lesse a mesma.

A sensibilidade dos entrevistadores e dos observadores foi de que a pergunta gera dúvidas, mas que se forem apresentadas as opções, e se for dado tempo para o informante realizar uma pequena associação entre a origem de seus familiares e as opções apresentadas, a pergunta amplia sua capacidade de captação, embora continue apresentando algumas inconsistências, em particular o uso das categorias “norte-americana” e “latino-americana exceto Brasil” para substituir a origem brasileira.

Apesar dessas dificuldades, fizemos algumas análises cruzando origem com as justificativas apresentadas para selecionar as categorias “parda” e “amarela”.

Do total de pessoas declaradas “pardas” na pergunta categorizada e sem definições (435 pessoas), 37,0% selecionaram entre as opções de origem a “africana” e a “indígena”. Destas 7,8% selecionou como única origem a “africana” e 10,3% selecionou como única origem a “indígena”. Entre as pessoas declaradas “pardas”, 185 (42,5%) escolheram outra origem, sendo essa outra origem majoritariamente “brasileira” (93,5%). Entre a opção “outra origem” encontramos ainda referências de duas pessoas a países europeus (Itália e Portugal), quatro pessoas mencionaram origem “negra”, cinco “parda” e uma fez referência à etnia indígena “Puri”.

Entre as pessoas que justificaram a escolha da categoria “parda” por razões vinculadas com “ancestralidade/origem” (nove pessoas), uma declarou no quesito de origem ter ancestralidade “europeia”, quatro declararam “brasileira” e quatro não souberam declarar a origem. Trinta e duas pessoas justificaram ter escolhido a categoria “parda” por motivos relacionados com a “mistura por origem”, analisando suas respostas cruzando com quesito de origem verificamos que apenas 28,1% acionaram mais de uma categoria de origem (“africana e europeia”, “europeia e indígena”, “europeia, indígena e outra” ou “europeia e outra”). Analisando o quesito de origem das pessoas que justificaram a escolha da categoria “parda” por “mistura de cor”, identificamos que 26,8% acionaram mais de uma origem (“africana e europeia”, “africana, europeia e indígena”, “africana e outra” ou “indígena e outra”).

Do total de pessoas declaradas “amarelas” na pergunta categorizada e sem definições (69 pessoas), nenhuma tem origem no sudeste asiático, 29,0% não soube informar a origem, 8,7% afirma ter origem “indígena”, 7,2% “europeia”, 4,3% “latino-americana”²⁴, 4,3% “europeia e indígena”, 1,4% “africana”, 1,4% “africana e indígena” e 1,4% “africana, europeia e indígena”. Do total de pessoas que foram declaradas amarelas, 26 pessoas escolheram a categoria outra origem, sendo que destas 25 pessoas selecionaram “brasileira” e uma selecionou a etnia indígena “Puri”.

Quatro pessoas justificaram a escolha da categoria “amarela” por razões vinculadas com “ancestralidade/origem”. Analisando as respostas para as mesmas pessoas no quesito sobre origem, uma informou ter origem “indígena”, a outra informou que sua origem era “outra-brasileira” e duas pessoas não souberam informar. Essas pessoas fizeram referência à cor ou etnia de um ancestral para justificar a sua escolha.

Mudanças na classificação de “cor ou raça”

Leitura da definição da categoria “parda”

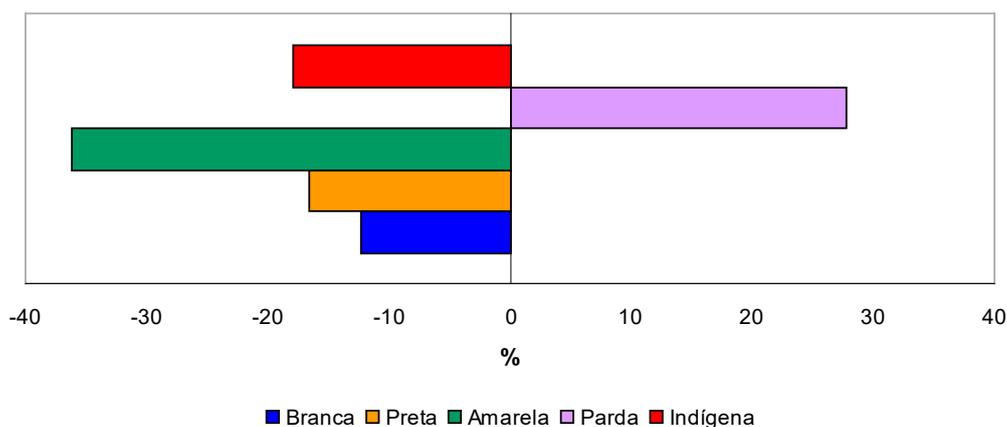
A terceira pergunta de “cor ou raça” iniciava-se com a leitura da definição da categoria “parda” para efeitos do teste – “considera-se como cor ou raça parda a miscigenação de branco com índio; de branco com preto; de preto com índio; ou de preto com pessoa de outra cor ou raça” – seguida pela apresentação das opções de cor ou raça

²⁴ A categoria de origem “latino-americana” não incluía o Brasil.

fechadas, sem apresentar qualquer esclarecimento além da definição que era repetida mediante solicitação. Caso o informante trocasse a classificação de cor ou raça de algum dos moradores do domicílio, era perguntado o motivo para a troca e a resposta era registrada no formato de pergunta aberta, pelo entrevistador e pelo observador. Essas respostas foram categorizadas em doze categorias. Utilizamos as mesmas categorias que foram usadas para justificar a classificação nas cores ou raças “parda” ou “amarela”, acrescidas de duas categorias: a “definição de parda”, utilizada quando o informante não explicitava o quê exatamente o fez mudar a classificação ao escutar a definição; e a categoria “ausência de ancestral negro(a)” quando o informante afastava esse vínculo em sua resposta.

O objetivo era verificar o impacto sobre a classificação por “cor ou raça” da apresentação da definição da categoria “parda”, buscando mapear as movimentações provocadas pela leitura da mesma. Analisando o gráfico 13 verificamos que a definição da categoria “parda” leva a mudanças de classificação de todas as outras categorias em direção à mesma. Em termos relativos, a categoria “amarela” é a que mais perde após a leitura da definição de “parda” (-36,2%). Embora a maioria das pessoas que sai da categoria “amarela” migre para a categoria “parda” (77,1%), a leitura da definição provoca migrações também para as categorias “branca” (14,3%) e “preta” (8,6%).

Gráfico 13 – Variação após apresentação da definição da categoria “parda”.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Este resultado é evidenciado na tabela abaixo, onde são exibidas medidas de concordância Kappa entre a pergunta com as categorias adotadas pelo IBGE e o quesito após a definição da categoria parda (1º e 2º momentos). Observa-se que a categoria “parda” recebe várias respostas de pessoas que se declaravam de outra cor, antes da definição de “pardo” (oriundos em grande parte das categorias “amarela”). Além disso, as categorias “amarela” e “parda” apresentaram concordância moderada e substancial, respectivamente, o que nos leva a concluir que a definição de “pardo” apresentou efeito significativo nas mudanças das respostas das categorias “amarela” e “parda”.

Tabela 11 – Medida de concordância Kappa entre a pergunta com as categorias adotadas pelo IBGE sem apresentação da definição e o quesito após a apresentação da definição da categoria parda.

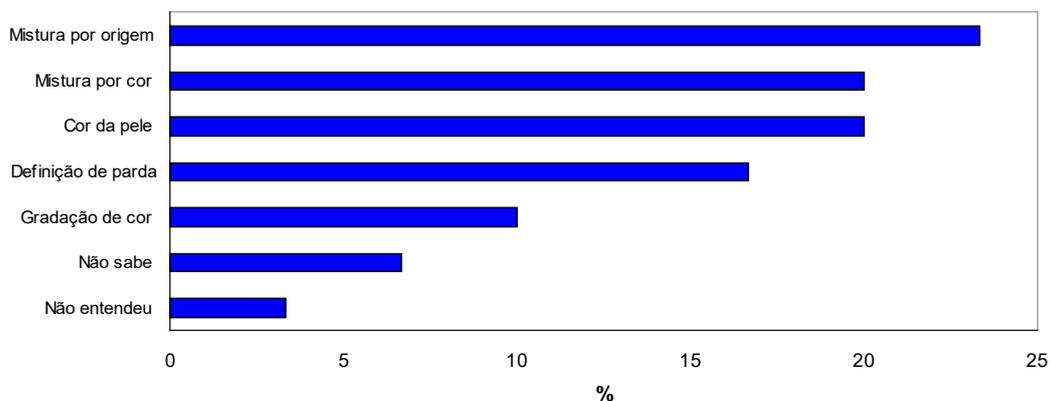
Categorias IBGE	Definição da categoria parda						Categorias IBGE X Definição da categoria parda	
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total	Kappa	P-valor
Branca	362	3	4	64	4	437	0,821	<0,0001
Preta	1	144	1	42	5	193	0,781	<0,0001
Amarela	5	3	34	27	0	69	0,582	<0,0001
Parda	13	10	5	397	10	435	0,659	<0,0001
Indígena	2	1	0	26	27	56	0,508	<0,0001
Total	383	161	44	556	46	1190	0,723	<0,0001

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Ao analisarmos as justificativas para as mudanças de categorias percebemos que a saída da categoria “amarela”²⁵ após a leitura da definição de parda é justificada recorrendo a cinco principais tipos de razões: “mistura por origem” (23,3%); “mistura por cor” e “cor da pele”, ambas com 20,0%; “definição de parda” (16,7%); e “gradação de cor” (10,0%), conforme o gráfico 14. De notar que ao todo 10,3% daqueles informantes que trocaram a classificação de cor ou raça de algum morador de amarelo para outra categoria não souberam apontar um motivo (3,4%) ou não entenderam a pergunta (6,9%). Os observadores apontaram que alguns informantes ficavam em dúvida com a repetição da pergunta e acreditavam que podiam ter respondido errado, levando-os a alterar a classificação e a não saberem explicar porque o haviam feito.

²⁵ Devido a problemas operacionais no processo de observação, cinco observações foram excluídas desta parte da análise.

Gráfico 14 – Justificativas apresentadas para a mudança da categoria amarela para as categorias classificatórias branca, preta, parda ou indígena, após a leitura da definição de parda.

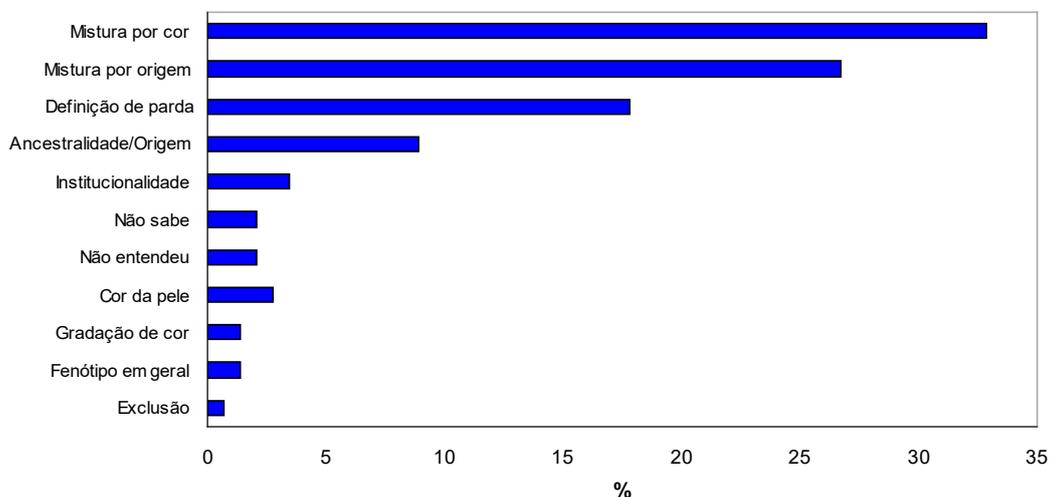


Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Podemos isolar quatro motivos principais que levaram 159 informantes²⁶ a mudar de qualquer categoria classificatória (branca, preta, amarela ou indígena) para a categoria “parda”, como fazendo referência à ideia de mistura, seja diretamente (59,6%), seja por referência à definição (17,8%), e à ideia de ancestralidade/origem (8,9%), conforme o gráfico 15. Entre as pessoas que migram para a categoria “parda” após a apresentação da definição, temos uma preponderância daquelas que haviam sido classificadas como “branca” (40,3%), seguida de “preta” (26,4%), “amarela” (17,0%) e “indígena” (16,4%). Os observadores relataram que algumas pessoas que se identificavam como brancas ao escutarem a definição se reenquadraram e aos outros moradores como pardos para respeitar a definição apresentada, mas fizeram questão de salientar que não se viam como pardas e assim não eram vistas pelos outros.

²⁶ Lembramos que a análise das justificativas não cobre a totalidade de pessoas que mudaram de categoria, devido à necessidade de retirar 39 domicílios (143 pessoas) da análise qualitativa.

Gráfico 15 – Justificativas apresentadas para a mudança das categorias classificatórias branca, preta, amarela ou indígena para a categoria parda após a leitura da definição de parda.



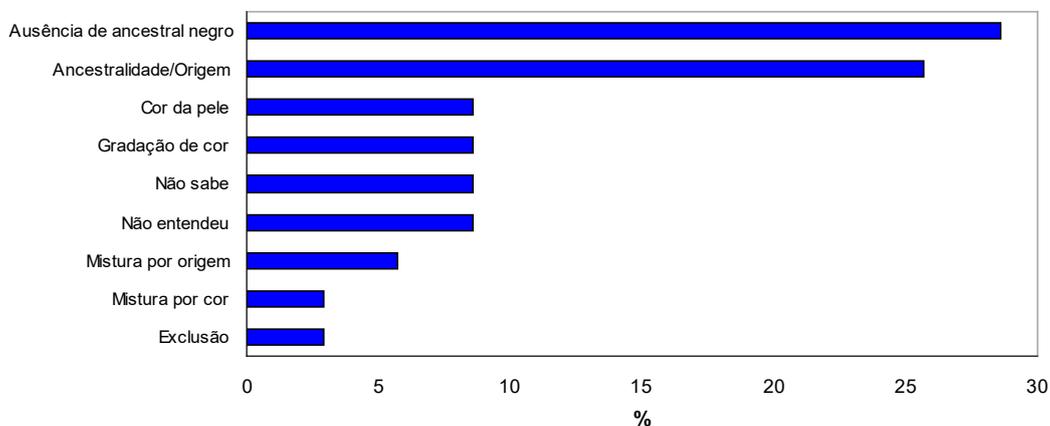
Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Identificamos ainda um movimento de migração de 38 pessoas²⁷ da categoria “parda” para outras (cf. Gráfico 16), ao analisarmos os principais motivos apresentados para tal movimento verificamos que estão relacionados com a “ausência de ancestral negro(a)” (28,6%) e com “ancestralidade/origem” (25,7%), denotando que nesses casos a definição foi compreendida e que uma análise das origens foi realizada pelos informantes o que os levou a um reenquadramento.

Da observação qualitativa identificamos que alguns informantes ao não ouvirem na definição a mistura de pardo com outra categoria, sentiram que não pertenceriam à categoria “parda”, assim como alguns consideraram que só deveriam considerar a mistura nas duas gerações anteriores. Alguns informantes começaram a sentir dificuldades em entender a proposta do teste, com a repetição das perguntas sobre “cor ou raça”, e não conseguiram explicar as razões para as mudanças classificatórias que realizaram. Ao todo seis pessoas (4,4%) não entenderam ou não sabiam apresentar motivo para a alteração realizada após a leitura da definição de parda.

²⁷ Devido a problemas operacionais no processo de observação, 3 observações foram excluídas desta parte da análise.

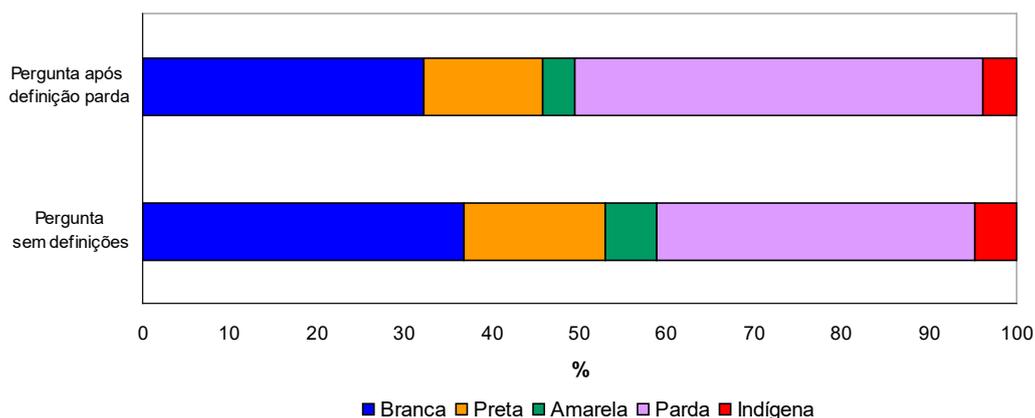
Gráfico 16 – Justificativas apresentadas para a mudança da categoria classificatória parda para as categorias branca, preta, amarela ou indígena após a leitura da definição de parda.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Após as mudanças estimuladas pela a leitura da definição da categoria “parda” a classificação das pessoas ficou de acordo com o gráfico 17:

Gráfico 17 – Distribuição por “cor ou raça” para as duas primeiras perguntas categorizadas do teste.

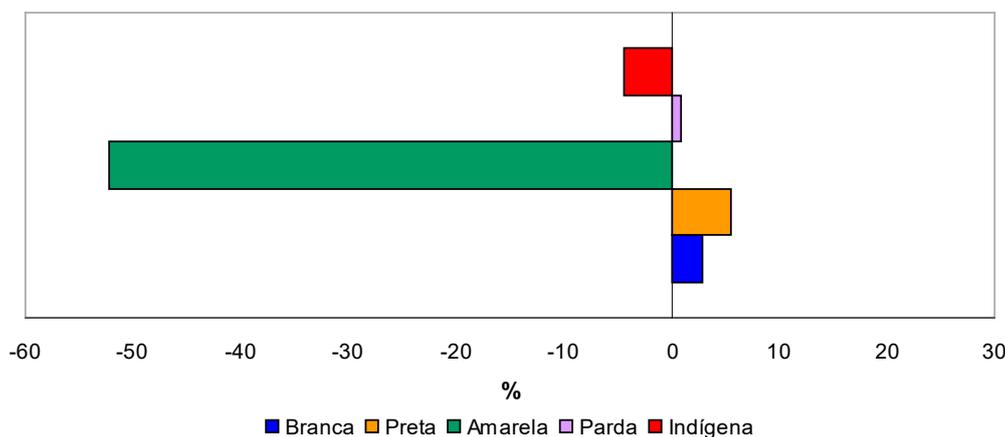


Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Leitura da definição da categoria “amarela”

A quarta pergunta de “cor ou raça” iniciava-se com a leitura da definição da categoria “amarela” – “Considera-se de cor ou raça amarela, a pessoa de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana, etc.” – e caso algum informante alterasse a classificação de algum morador do domicílio era perguntado o motivo de tal alteração. Às categorias construídas a partir das respostas sobre as razões para mudança após a leitura da categoria “parda”, acrescentamos a “definição de amarela” quando a pessoa justificava a mudança fazendo referência à definição da categoria “amarela” sem explicitar o quê exatamente na definição a fez mudar a classificação.

Gráfico 18 – Variação após apresentação da definição da categoria “amarela” em relação à distribuição após a leitura da definição da categoria “parda”.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

A análise da variação de classificação em relação ao quesito anterior mostra a categoria “amarela” como a que apresenta a maior variação relativa (-52,3%), respondendo da forma esperada à apresentação da definição de amarela. Das 24 pessoas que saíram da categoria “amarela” a maioria migrou para a categoria “parda” (16 pessoas ou 66,7%) e as demais para as categorias “branca” (6 pessoas) e “preta” (2 pessoas), conforme o Gráfico 18.

A tabela abaixo nos fornece subsídios para ratificar os achados acima. Nela percebe-se que, após a segunda definição, a categoria “Amarela” apresenta uma grande redução de pessoas assim se declarando (migrando em sua maioria para a categoria “parda”). Houve considerável redução do valor do Kappa para a categoria “amarela” ao comparar o 1º e 3º momento (0,330), além de ser encontrado valor baixo do Kappa entre o 2º e 3º momentos da entrevista (0,605) com relação às demais categorias. Portanto, a definição de “amarelo” apresentou efeito significativo na mudança da resposta da categoria “amarela”.

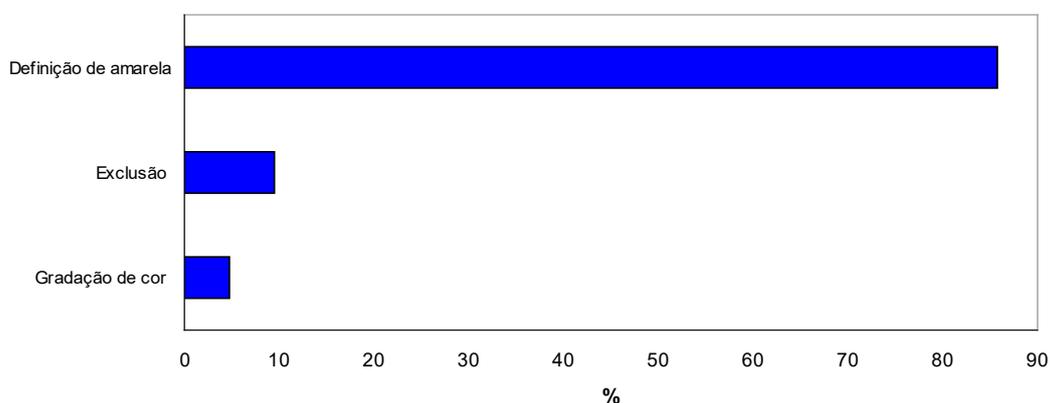
Tabela 12 – Medida de concordância Kappa entre a pergunta com as categorias adotadas pelo IBGE, o quesito após a definição da categoria parda e a definição da categoria amarela.

Dados Completo (n=1190)						
Categorias	Categorias IBGE X Definição categoria parda		Categorias IBGE X Definição categoria amarela		Definição categoria parda X Definição categoria amarela	
	Kappa	P-valor	Kappa	P-valor	Kappa	P-valor
Branca	0,821	<0,0001	0,835	<0,0001	0,945	<0,0001
Preta	0,781	<0,0001	0,763	<0,0001	0,940	<0,0001
Amarela	0,582	<0,0001	0,330	<0,0001	0,605	<0,0001
Parda	0,659	<0,0001	0,644	<0,0001	0,900	<0,0001
Indígena	0,508	<0,0001	0,520	<0,0001	0,792	<0,0001
Geral	0,723	<0,0001	0,708	<0,0001	0,905	<0,0001

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Dentre as justificativas apresentadas, a “definição de amarela” engloba a maioria das respostas (18 pessoas ou 85,7%), seguida da ideia de “exclusão” (2 pessoas) e “gradação de cor” (1 pessoa), conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 19 – Justificativas apresentadas para a mudança da categoria classificatória amarela para as categorias branca, preta, parda ou indígena após a leitura da definição de amarela.



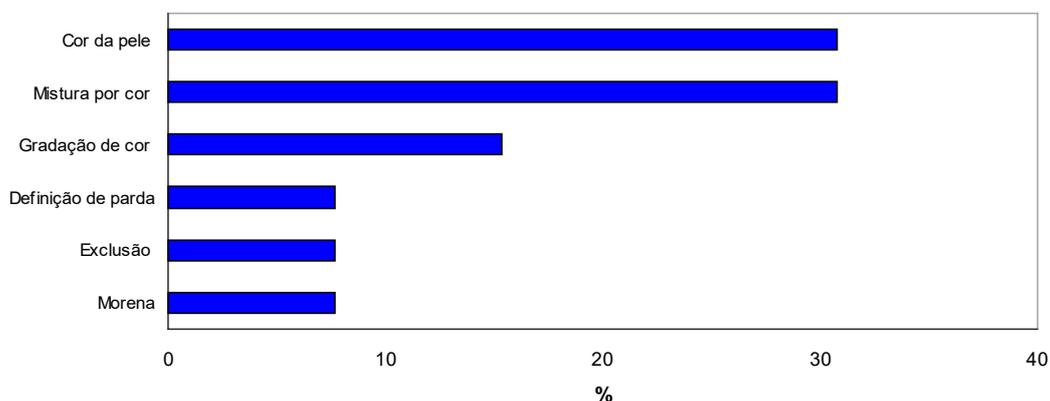
Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Essa movimentação permite a elaboração de algumas hipóteses, sendo a primeira a de que a apresentação da definição da categoria “amarela” permite a compreensão pela maioria dos informantes da conceituação do IBGE a respeito da mesma e leva as pessoas a reenquadrarem sua cor ou raça e a dos outros moradores. Contudo, ela não é suficiente

para substituir o significado previamente atribuído pelos informantes que declararam pelo menos um morador como “amarelo”, sendo que 45,5% permanecem nessa categoria após a leitura da definição de amarela e apenas uma pessoa migra de “preta” para “amarela”. Entre os entrevistadores e os observadores houve um entendimento que as pessoas por vezes compreendiam a definição, mas não a levavam em consideração ao classificarem novamente a si e aos moradores do domicílio. As razões podem ser múltiplas, sendo que alguns informantes mostravam que não mudavam para não se contradizerem, como uma informante que cobriu o rosto com as mãos e riu ao escutar a definição, mas não alterou sua resposta.

Além das 16 pessoas que haviam mudado de “amarela” para “parda”, identificamos a mudança de mais 16 pessoas para a categoria “parda” após a leitura da definição da categoria “amarela”, oriundas das categorias “branca”, “preta” e “indígena”. Destas, sete tinham sido classificadas como “branca”, quatro como “indígena” e duas como “preta”. As três principais razões de mudança apontadas remetem para a “cor da pele” (4 pessoas), “mistura por cor” (4 pessoas) e “gradação de cor” (2 pessoas), conforme Gráfico 20. A observação indicou que alguns informantes estavam ainda influenciados pela definição de parda quando declaravam a cor ou raça neste quesito.

Gráfico 20 – Justificativas apresentadas para a mudança das categorias classificatórias branca, preta ou indígena para categoria parda após a leitura da definição de amarela.



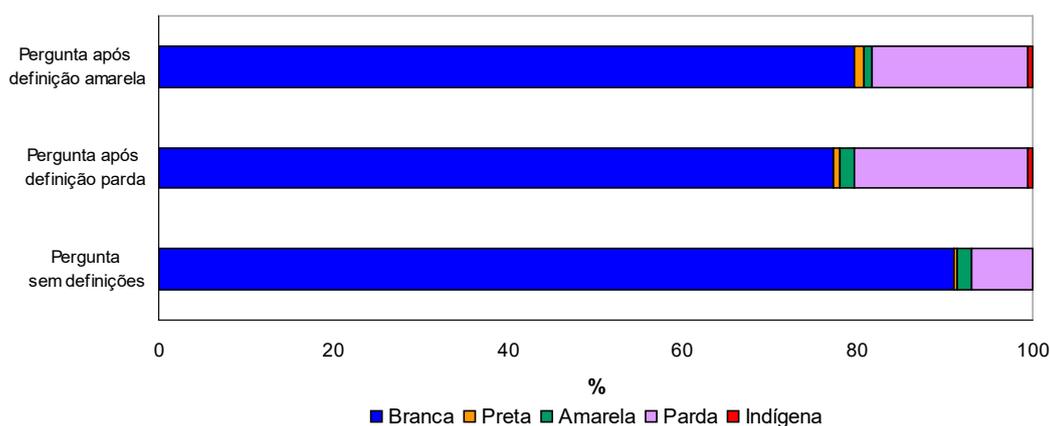
Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Mudanças na declaração de “cor ou raça” depois da leitura das duas definições

A trajetória das três categorias classificatórias de cor ou raça utilizadas pelo IBGE que foram acionadas pelos informantes na resposta aberta – “branca”, “parda” e “amarela” – aponta para comportamentos distintos das mesmas perante a apresentação das definições das categorias “parda” e “amarela” aos informantes.

Iniciamos a análise pela categoria “branca”, a que obteve a maior proporção de respostas na pergunta aberta.

Gráfico 21 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “branca” no quesito aberto, nas perguntas sem definição, com definição de parda e com definição de amarela.

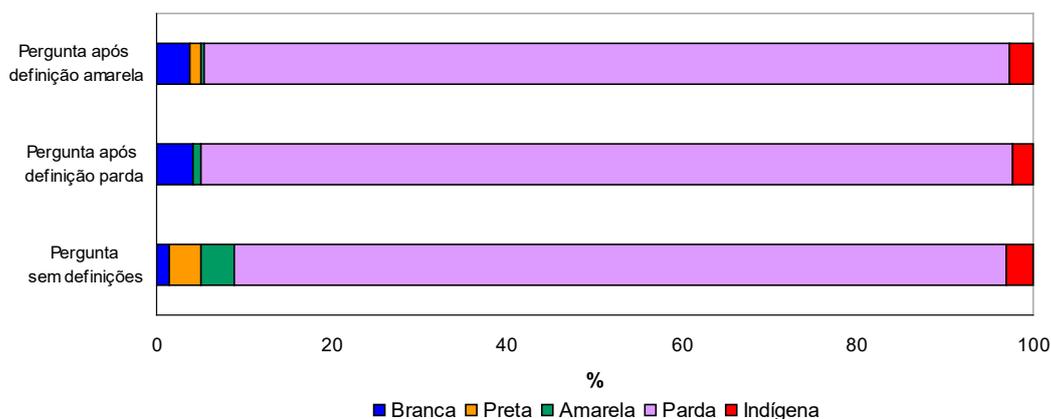


Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Das 431 pessoas declaradas como brancas na pergunta aberta, 91,0% voltou a ser categorizada como “branca” na primeira pergunta fechada, sendo que 9,0% foram reclassificadas em outras categorias: “parda” (7,0% ou 30 pessoas); “amarela” (1,6% ou 7 pessoas) e “preta” (0,5% ou 2 pessoas). O impacto da definição de parda sobre essas declarações traduziu-se num aumento da proporção de pessoas declaradas como “parda” (acréscimo de 13 pontos percentuais, passando de 30 para 86 pessoas), no surgimento de pessoas declaradas como “indígena” (duas pessoas passam a se classificar indígenas) e “preta” (passa de duas para três pessoas), e numa diminuição da proporção de pessoas declaradas como “brancas” de 13,7 pontos percentuais. Note-se que esta pergunta era realizada após a pergunta sobre origem, quando os informantes eram levados a pensar sua origem e em seguida eram apresentados a uma definição da categoria “parda” que privilegiava a ideia de miscigenização entre branco e índio, branco e preto, preto e índio ou preto com qualquer outra cor ou raça.

Por seu lado, a definição da categoria “amarela” reduz a proporção de pessoas que na categoria aberta haviam sido declaradas como brancas e depois como amarelas (passa de 1,6 para 0,9%) e pardas (reduz 2,1 pontos percentuais), com o aumento da proporção de pessoas declaradas como “branca” (2,3 pontos percentuais) e como “preta” (passa de 0,7% para 1,2%).

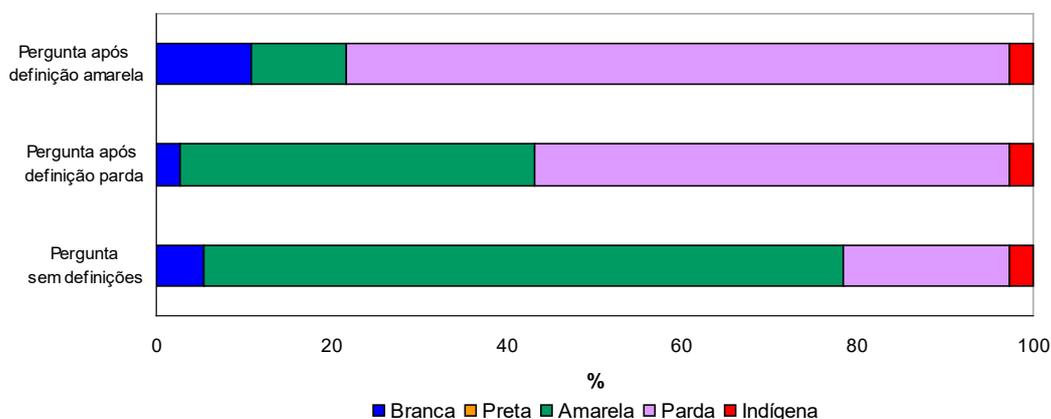
Gráfico 22 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “parda” no quesito aberto, nas perguntas sem definição, com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Como é possível observar no gráfico acima, a categoria “parda” foi acionada para classificar 249 pessoas na pergunta aberta de cor ou raça do teste, e esta categoria associada com outras foi utilizada para classificar mais 11 pessoas como “parda ou morena” (8 pessoas), “parda ou amarela” (2 pessoas) e “parda ou negra” (1 pessoa). Analisando essas 260 declarações, verificamos que na pergunta categorizada sem definição 11,9% (31 pessoas) foram reclassificadas em outras categorias: “amarela” (3,8% ou 10 pessoas); “preta” (3,5% ou 9 pessoas); indígena (3,1% ou 8 pessoas) e “branca” (1,5% ou 4 pessoas). Essa categoria apresenta-se como a mais estável ao longo de todo o teste, quando pensamos as pessoas que foram declaradas como pardas na categoria aberta.

Gráfico 23 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “amarela” no quesito aberto, nas perguntas sem definição, com definição de parda e com definição de amarela.



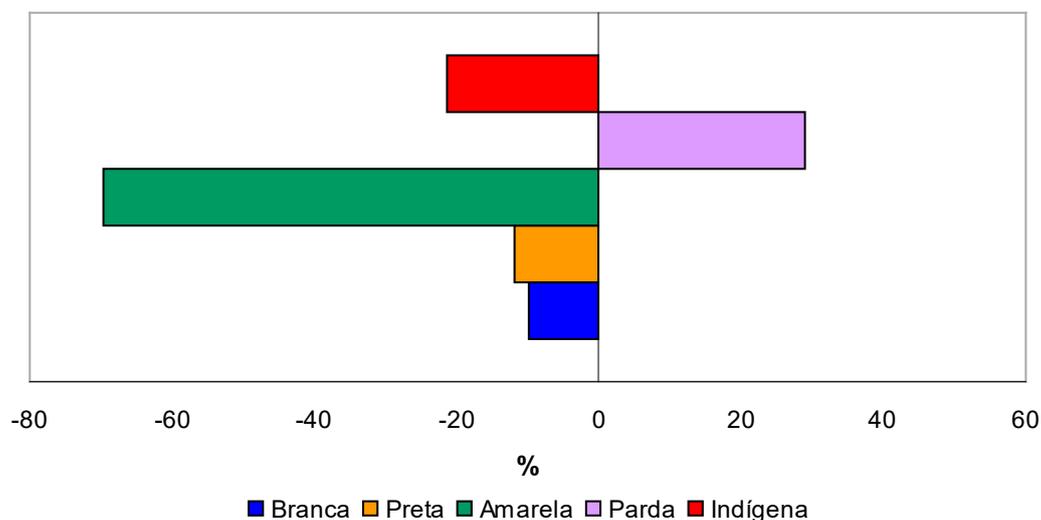
Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Além das 31 pessoas classificadas como “amarelas” na categoria aberta, seis pessoas foram classificadas como “amarela ou branca” (uma pessoa), “amarela ou indígena” (uma pessoa), “amarela ou morena” (duas pessoas), “amarela ou parda” (duas pessoas ²⁸), denotando uma equivalência entre essas várias categorias, para esses informantes. Analisando como essas 37 pessoas foram classificadas pelos informantes nas perguntas categorizadas verificamos que apresentando as categorias do IBGE, sem apresentar qualquer definição, 73,0% dessas pessoas se declararam ou foram declaradas como “amarela” e 27,0% dessas pessoas foram classificadas em outras categorias: “branca” (5,4%); “parda” (18,9%); e “indígena” (2,7%). A apresentação da definição da categoria “parda” provocou um deslocamento em relação a essa categoria daquelas classificadas na pergunta anterior como brancas e amarelas. Por outro lado, a definição de amarela levou a um aumento das categorias “branca” e “parda”, conforme o gráfico 24. Apesar de 10,8% das pessoas declaradas como “amarelas” na pergunta aberta permanecerem após os estímulos apresentados, a grande maioria deslocou-se para outras categorias, principalmente para a “parda”.

Analisando as mudanças entre a primeira resposta à pergunta de “cor ou raça” categorizada e sem definições com a distribuição final da população pesquisada no teste (Gráfico 24), verificamos que a categoria “parda” (29,0%) foi a única que aumentou após a leitura das duas definições e a categoria “amarela” a que mais diminuiu (-69,6%) em termos relativos. As outras categorias que tiveram diminuição foram a “indígena” (-21,4%), a “preta” (-11,9%) e a “branca” (-9,8%). Podemos inferir que as duas definições além de contribuírem para a minimização da declaração como “amarela” de pessoas sem origem oriental, levaram pessoas que se classificavam como indígenas, pretas e brancas a se movimentarem majoritariamente na direção da categoria “parda” ao longo do teste.

²⁸ As mesmas duas pessoas mencionadas na análise da categoria aberta “parda”.

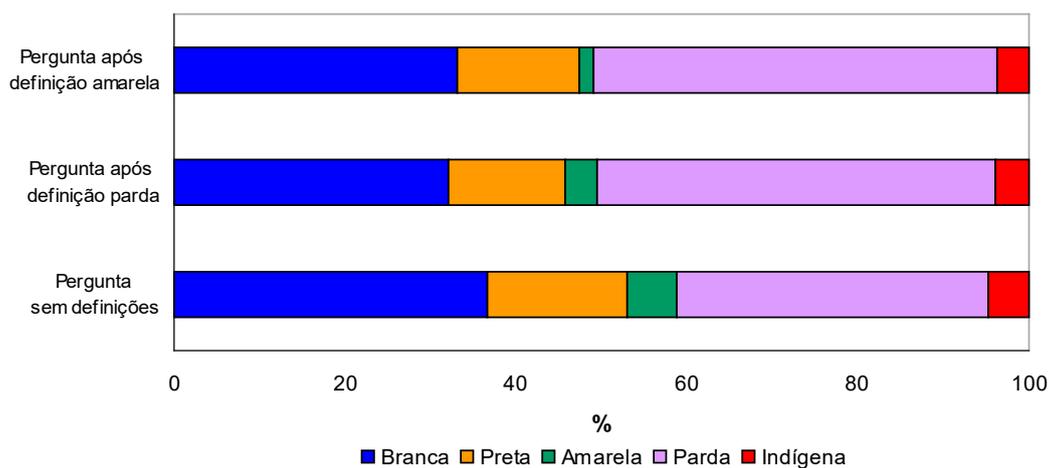
Gráfico 24 – Variação após apresentação das definições das categorias “parda” e “amarela”.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Essas variações traduzem-se numa alteração da distribuição por “cor ou raça” ao longo do teste, conforme pode ser observado no gráfico 25:

Gráfico 25 – Distribuição por “cor ou raça” para as três perguntas categorizadas do teste.

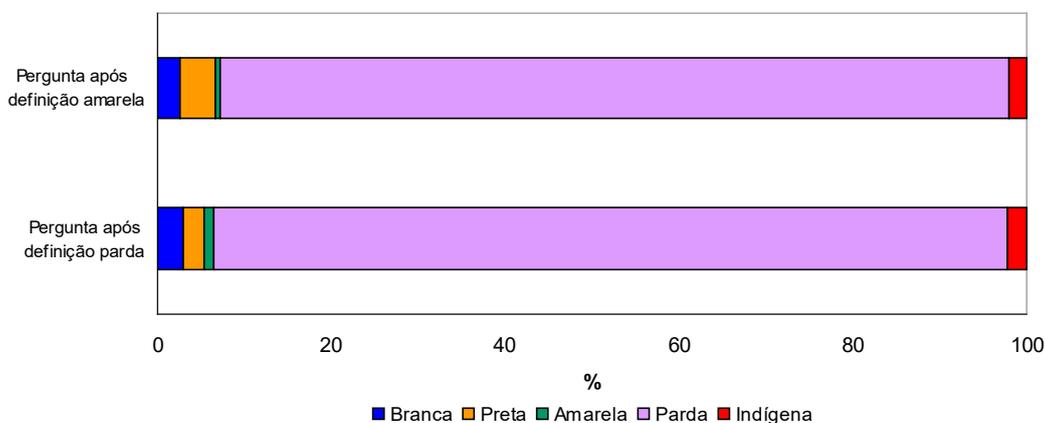


Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Para compreender melhor essa movimentação cruzamos as cinco categorias de cor ou raça capturadas na pergunta categorizada do teste e sem apresentação de definição com as perguntas após as duas definições, buscando compreender sua movimentação numa análise análoga à realizada para as respostas à pergunta aberta.

Iniciamos a análise pela categoria “parda”, aquela que apresentou a maior estabilidade ao longo do teste, cerca de 91%, quando comparada a resposta da pergunta categorizada e sem definições com as demais. A categoria que mais absorveu pessoas inicialmente declaradas como “pardas” foi a “branca” após a apresentação da definição de parda (3,0%) e a “preta” após a apresentação da definição de amarela (4,1%), conforme o Gráfico 26.

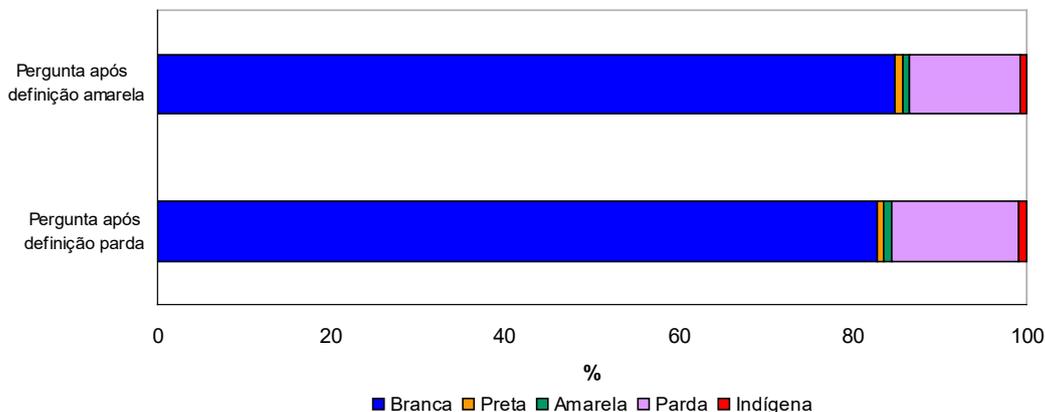
Gráfico 26 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “parda” no quesito categorizado e sem definição, nas perguntas com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

A categoria “branca” manteve uma estabilidade de resposta de mais de 80%. Ao analisarmos a movimentação daquelas pessoas que foram declaradas como de cor ou raça “branca” na primeira pergunta fechada e categorizada, observamos que sua migração é quase na totalidade em direção à categoria “parda”, após a leitura da definição do conceito de pardo, com um ligeiro recuo após a leitura da definição da categoria “amarela”, que como já pontuado está relacionado com o fato de algumas pessoas apenas se classificarem como pardas na pergunta em que o conceito é lido, mas não se considerarem como tal e sim como brancas. O Gráfico 27 mostra que as outras categorias de cor ou raça absorvem menos de 3% das pessoas inicialmente classificadas como brancas no quesito categorizado.

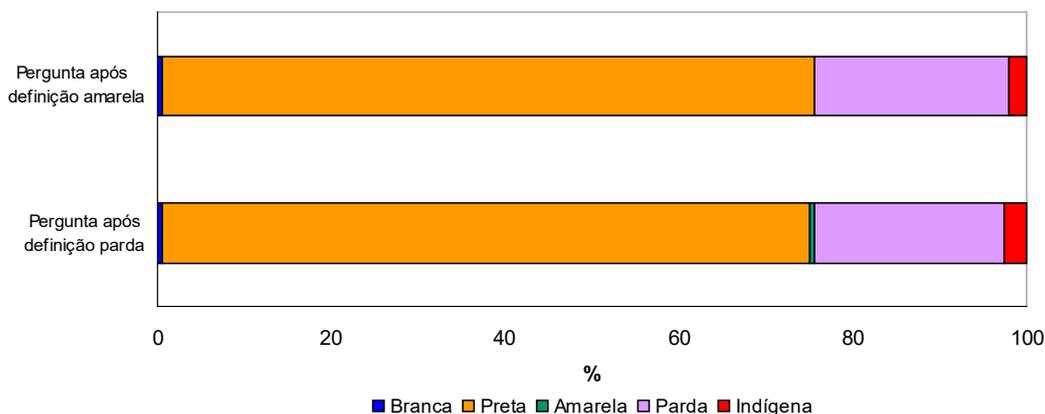
Gráfico 27 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “branca” no quesito categorizado e sem definição, nas perguntas com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

A categoria “preta” apresenta uma estabilidade em torno de 75%, como pode ser observado no Gráfico 28, sendo que cerca de 22% dos inicialmente classificados como pretos na pergunta categorizada e sem definição migram para a categoria “parda” e nela permanecem. Note-se que uma parte pequena dos pretos migra para a categoria “indígena” após a leitura da definição da categoria “parda” (2,6%), sendo que 2,1% nela permanecem após a leitura da definição de “amarela”. Menos de 1% daqueles classificados como pretos migram para as categorias “branca” ou “amarela” após as definições.

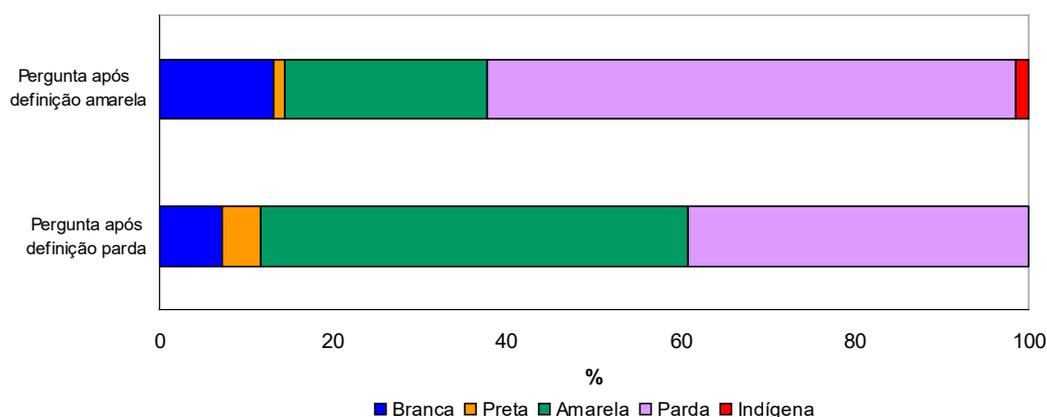
Gráfico 28 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “preta” no quesito categorizado e sem definição, nas perguntas com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Como era esperado, a categoria “amarela” é a que apresenta maior instabilidade ao longo do teste. Das pessoas declaradas como amarelas, menos da metade (49,3%) permanecem após a leitura da definição de parda e menos de um quarto (23,2%) após a leitura da definição de amarela. Como já foi observado ao longo do relatório, a categoria “parda” é a que mais absorve aquelas pessoas que inicialmente foram declaradas amarelas, embora todas as categorias recebam pessoas inicialmente classificadas como amarelas em proporções menores, conforme o Gráfico 29.

Gráfico 29 – Classificação por categorias do IBGE de pessoas declaradas como “amarela” no quesito categorizado e sem definição, nas perguntas com definição de parda e com definição de amarela.



Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016.

Uma análise da categoria “indígena” seria imprudente, considerando que o teste não teve sua amostra selecionada para poder analisar pessoas assim declaradas em 2010.

Comparação entre Censo Demográfico 2010 e Teste de Cor ou Raça 2016

Como já mencionado no início deste relatório, o trabalho de coleta foi feito a partir de domicílios pré-selecionados – cujos informantes haviam classificado pelo menos um morador como “amarelo” no Censo 2010 – e de domicílios não selecionados. Cabe agora realizar uma comparação entre as respostas fornecidas por alguns informantes localizados na base do Censo Demográfico 2010 com aquelas emitidas pelos informantes neste teste. Vale notar que para qualquer comparação entre a coleta de 2010 e o teste de 2016 é fundamental estabelecer uma série de cautelas, afinal tratam-se de dois modos de coletas estruturalmente distintos.

Feitas as ressalvas necessárias, iniciamos nosso percurso com um panorama geral das pessoas investigadas nesse teste que puderam ser identificadas na base de dados do

Censo Demográfico 2010 (Tabela 11). Dessa forma, verificamos que, entre as 1.190 pessoas investigadas no teste, 67,1% (798 pessoas) viviam nos mesmos domicílios na ocasião do Censo Demográfico 2010 e, portanto, fazem parte desse primeiro recorte de análise.

Nesse sentido, destacamos primeiramente as diferenças registradas na composição desse grupo, e nesse aspecto chama nossa atenção a redução brusca da proporção de pessoas que se declararam ou foram declaradas como de cor ou raça amarela na comparação do teste com o Censo Demográfico 2010. Enquanto, em 2010, 28,6% dessas 798 pessoas (228 pessoas) foram captadas como amarelas pelo Censo Demográfico, na ocasião do teste somente 69 pessoas se declararam ou foram declaradas como de cor ou raça amarela, sendo 15 novos moradores dos domicílios. Dessas, apenas 34 já haviam sido registradas como amarelas pelo Censo Demográfico 2010, revelando uma baixa taxa de aderência a essa categoria de resposta, apenas 15,2%. Por outro lado, a declaração como amarelas de 20 pessoas que haviam sido declaradas como pertencendo a outras categorias de cor ou raça em 2010, mostra que ocorreram movimentações nos dois sentidos, para a categoria amarela, em menor proporção, e da categoria amarela para a parda e para a branca, em maior proporção.

A migração de pessoas que se declararam ou foram declaradas amarelas ocorre para todas as demais categorias de resposta do quesito, com destaque para a categoria “parda” que foi responsável por captar mais de 50% das pessoas que haviam sido registradas como de cor ou raça amarela pelo Censo 2010. A categoria “parda” destaca-se ainda como aquela, a exceção da indígena que não teve registro no Censo Demográfico 2010, que apresentou o maior crescimento no período (55,4%), recebendo pessoas que migraram principalmente das categorias “amarela” (114 pessoas) e “branca” (62 pessoas). Esse desempenho ocorre mesmo com a categoria parda apresentando aderência relativamente discreta em relação ao dado registrado no Censo (56,5%), superior apenas à registrada entre as pessoas que se declararam amarelas no teste, e bem inferior à registrada pelas pessoas que se declararam, ou foram declaradas, como brancas na ocasião (73,3%). Essa baixa taxa de aderência se explica principalmente pelo afluxo de pessoas em direção à categoria parda.

Há que se destacar também a categoria “branca” que foi responsável pela captação de 27,2% dos moradores (62 pessoas) que se declararam, ou haviam sido declaradas como amarelas no Censo Demográfico 2010, nos dois municípios.

Tabela 13 - Cor ou raça das pessoas investigadas no teste e identificadas na base de dados do Censo Demográfico 2010.

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016 e Microdados do Censo Demográfico de 2010.

Teste Cognitivo 2016	Censo Demográfico 2010								
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total	%	Novo morador	Total
Branca	206	3	62	21	0	292	36,6	145	437
Preta	5	64	11	36	0	116	14,5	77	193
Amarela	7	4	34	9	0	54	6,8	15	69
Parda	61	18	114	109	0	302	37,8	133	435
Indígena	2	6	7	18	1	34	4,3	22	56
Total	281	95	228	193	1	798	100,0	392	1190
%	35,2	11,9	28,6	24,2	0,1	100,0	-	-	-

Quando desagregamos essa movimentação, verificamos que em Volta Redonda a categoria “parda” absorveu 60,2% das pessoas declaradas amarelas em 2010 e a categoria “branca” 18,8% (cf. Tabela 14). Em Petrópolis a categoria “branca” é responsável por absorver 38,5% das pessoas que haviam sido declaradas como amarelas em 2010 e a categoria “parda” por 36,5% (cf. Tabela 15). O fato da categoria “branca” ter absorvido parte significativa dos amarelos afasta a hipótese de ter ocorrido um erro sistemático de marcação no DMC entre as categorias “amarela” e “parda” que se localizavam próximas na tela do aplicativo de coleta do Censo Demográfico de 2010 e reforça a hipótese da instabilidade da categoria. Além disso, apenas um informante de 2010 afirmou não ter declarado ninguém como amarelo no Censo Demográfico de 2010.

Tabela 14 - Pessoas em Domicílios selecionados, total ou parcialmente preservados em relação ao Censo Demográfico 2010 – Volta Redonda.

Teste Cognitivo 2016	Censo Demográfico 2010							
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total 2010-2016	Novo morador	Total
Branca	39	1	24	4	0	68	36	104
Preta	0	24	5	12	0	41	11	52
Amarela	1	0	16	3	0	20	1	21
Parda	26	6	77	36	0	145	30	175
Indígena	1	4	6	3	0	14	7	21
Total	67	35	128	58	0	288	85	373

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016 e Microdados do Censo Demográfico de 2010.

Tabela 15 - Pessoas em Domicílios selecionados, total ou parcialmente preservados em relação ao Censo Demográfico 2010 – Petrópolis.

Teste Cognitivo 2016	Censo Demográfico 2010							
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total 2010-2016	Novo morador	Total
Branca	36	0	37	5	0	78	7	85
Preta	3	16	6	12	0	37	11	48
Amarela	6	3	17	1	0	27	3	30
Parda	10	4	35	24	0	73	10	83
Indígena	1	0	1	7	0	9	3	12
Total	56	23	96	49	0	224	34	258

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016 e Microdados do Censo Demográfico de 2010.

Seguindo para uma análise mais desagregada, nos debruçaremos agora sobre duas tabelas (tabelas 16 e 17). A primeira (tabela 16) se refere aos domicílios selecionados cujos núcleos de moradores eram total ou parcialmente preservados em relação ao Censo de 2010; e a segunda (tabela 17) referente tanto aos domicílios aleatórios como aqueles pré-selecionados, mas cujo núcleo de moradores era totalmente diferente se comparado ao Censo 2010.

Podemos pontuar alguns aspectos importantes ao analisar a tabela. O primeiro deles é a confirmação do movimento de saída de pessoas da categoria “branca”, que registra brusca redução de aderência na comparação com o Censo Demográfico 2010 (61,0%), para a categoria “parda” (36 moradores) significativamente superior ao movimento inverso, com nove moradores. Neste mesmo sentido há uma migração de declarantes da categoria “parda” para “preta”, com 24 moradores. A categoria “parda” chama atenção por conjugar em si tanto o movimento de atração, com novos declarantes, como pelo movimento de migração de pardos para outras categorias, em especial a “preta”, sendo este último movimento de peso inferior. A categoria “indígena” também se destaca com 23 novos declarantes – sendo desses 10 moradores que haviam sido captados como “pardos” no Censo de 2010.

Tabela 16 - Cor ou raça das pessoas em domicílios selecionados, total ou parcialmente preservados, em relação ao Censo Demográfico 2010.

Teste Cognitivo 2016	Censo Demográfico 2010								Aderência Teste Cognitivo - CD2010 (%)	
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total	%	Novo morador		Total
Branca	75	1	61	9	0	146	28,5	43	189	61,0
Preta	3	40	11	24	0	78	15,2	22	100	69,0
Amarela	7	3	33	4	0	47	9,2	4	51	14,7
Parda	36	10	112	60	0	218	42,6	40	258	56,1
Indígena	2	4	7	10	0	23	4,5	10	33	-
Total	123	58	224	107	0	512	100,0	119	631	-
%	24,0	11,3	43,8	20,9	0,0	100,0	-	-	-	-

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016 e Microdados do Censo Demográfico de 2010.

A categoria amarela surge como a grande doadora para outras, em especial para a “parda” (112 moradores) e, em segundo lugar para a “branca” (com 61 moradores). A categoria chama atenção por concentrar em si as maiores diferenças quando comparamos os dados de 2010 com 2016.

Ao analisarmos a tabela 17 (referente aos domicílios que não foram pré-selecionados ou aqueles selecionados cujo núcleo de moradores era totalmente diferente quando comparado ao Censo de 2010) as tendências observadas anteriormente não diferem muito, exceto no que se refere à aderência verificada entre as pessoas captadas como brancas pelo Censo 2010. Em comparação com o teste, esse dado em domicílios não selecionados atinge quase 83%, configurando uma diferença significativa em relação àquela verificada em domicílios selecionados (61,0%). Cabe salientar que mesmo entre os domicílios não selecionados 2,4% (sete pessoas) dos moradores foram declarados amarelos, vindos na sua maioria da categoria “parda”.

Tabela 17 - Cor ou raça das pessoas em domicílios não selecionados, e selecionados com o núcleo totalmente alterado em relação ao Censo Demográfico 2010.

Teste Cognitivo 2016	Censo Demográfico 2010									Aderência Teste Cognitivo - CD2010 (%)
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total	%	Novo morador	Total	
Branca	131	2	1	12	0	146	51,0	102	248	82,9
Preta	2	24	0	12	0	38	13,3	55	93	64,9
Amarela	0	1	1	5	0	7	2,4	11	18	25,0
Parda	25	8	2	49	0	84	29,4	93	177	57,0
Indígena	0	2	0	8	1	11	3,8	12	23	-
Total	158	37	4	86	1	286	100,0	273	559	-
%	55,2	12,9	1,4	30,1	0,3	100,0	-	-	-	-

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016 e Microdados do Censo Demográfico de 2010.

Em seguida, instigados pela hipótese de que a informação captada pelo mesmo informante sobre os mesmos moradores poderia eventualmente revelar novos elementos para a comparação 2010-2016, analisamos as informações fornecidas pelos informantes do teste que também foram informantes no Censo Demográfico 2010 em relação a 249 moradores (tabela 18), e verificamos que tanto a distribuição desses moradores por cor ou raça, quanto o percentual de aderência das categorias de resposta na comparação com 2010 se mostram próximas àquelas verificadas na análise geral das pessoas investigadas pelo teste (tabela 13), o que explica a manutenção das mesmas tendências acima descritas.

Tabela 18 - Cor ou raça de pessoas em Domicílios selecionados, total ou parcialmente preservados, com o mesmo informante do Censo Demográfico 2010.

Teste Cognitivo 2016	Censo Demográfico 2010								
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total	%	Novo morador	Total
Branca	42	1	24	3	0	70	28,1	15	85
Preta	2	21	7	15	0	45	18,1	11	56
Amarela	1	2	22	4	0	29	11,6	0	29
Parda	9	2	60	26	0	97	39,0	20	117
Indígena	0	2	3	3	0	8	3,2	4	12
Total	54	28	116	51	0	249	100,0	50	299

Fonte: Teste Cor ou Raça, CTD – IBGE – 2016 e Microdados do Censo Demográfico de 2010.

Os resultados deste grupo de tabelas atestam a complexidade do debate sobre o tema e apontam, sobretudo, para os múltiplos significantes que cada uma das categorias de cor e raça possui. Ao analisarmos a categoria “amarela” ao longo do teste e, inclusive, a partir das tabelas de comparação com o Censo de 2010, verificamos que a instabilidade e imprevisibilidade desta categoria são notórias.

Conclusões e recomendações

No início deste relatório apontamos algumas hipóteses e questões iniciais que foram colocadas durante a elaboração deste teste. Buscaremos agora apresentar - ainda que brevemente -, algumas conclusões e questões que foram levantadas a partir da pesquisa realizada, mantendo sempre duas ressalvas em relação às mesmas.

A primeira ressalva está relacionada com a concentração da amostra do teste em dois municípios na mesma unidade da federação e com perfis muito próximos: Petrópolis e Volta Redonda. Como já apontado, esta característica gera um viés regional que não pode ser ignorado nesta análise. O estado do Rio de Janeiro – como outras unidades da Federação – apresentou um crescimento de pessoas declaradas como “amarela”, entretanto não é neste estado onde este crescimento é mais acentuado. Nesse sentido, a extrapolação dos resultados do teste carece de investigações futuras em outras UF, que abarquem suas diversidades regionais, no processo de teste do próprio censo demográfico 2020.

A segunda ressalva está relacionada com o próprio fluxo e contexto de realização do teste quando comparado ao questionário e à logística de uma operação censitária. No teste a pergunta sobre cor ou raça foi realizada quatro vezes, sendo a primeira como pergunta aberta, onde as primeiras reflexões e dúvidas dos informantes foram colocadas. Neste momento os entrevistadores e observadores não realizaram nenhum comentário além da releitura da pergunta – quando necessário – e do aviso de que em outro momento apresentariam as opções de resposta; reforçando assim o caráter aberto e a necessidade de resposta de acordo com o próprio entendimento do informante sobre si próprio e os demais moradores.

Intercalada por outros quesitos, a pergunta foi refeita e dessa vez foi avisado que seriam lidas as categorias utilizadas pelo IBGE. Neste momento os informantes puderam fazer uma reflexão para adequar suas categorias com as do IBGE, classificando-se a si e aos demais moradores. Como observado no campo, essa reflexão apresentou tempos diferenciados de acordo com os informantes: aqueles que já tinham alguma ponderação a respeito do tema tendiam a responder mais rapidamente do que outros que apresentavam mais dúvidas e por vezes consultavam outros moradores a respeito.

A terceira pergunta sobre este quesito era realizada após a questão sobre origem. Esta admitia múltipla opção e tendia a provocar nos informantes uma rememoração da ancestralidade dos moradores do domicílio. Como já mencionado, esta terceira questão era iniciada com a leitura da definição da categoria “parda”, que apresentava em sua redação alguns exemplos possíveis de miscigenação. Por fim, a última pergunta – efetuada após a leitura da definição da categoria “amarela” – foi realizada em seguida à pergunta sobre alfabetização e nível de ensino frequentado.

Concluindo, estas quatro perguntas sobre o quesito de cor ou raça intercaladas a outras questões formaram um fluxo específico do questionário do teste. Este fluxo e os estímulos característicos do teste engendraram um ritmo próprio e distinto se comparado à operação censitária. Isto se deveu em parte pelo esforço dos observadores em manter uma cadência mais lenta na entrevista para que as dinâmicas sugeridas no teste pudessem ser processadas pelo informante.

Neste mesmo sentido, o desenho do questionário buscava capturar se os informantes haviam pedido esclarecimentos sobre algumas das categorias e para quais delas eram solicitados esses esclarecimentos. Como já mencionado, menos de 1% dos informantes solicitaram explicação sobre alguma categoria e aquela para qual houve maior solicitação foi a “parda”. Importante salientar que aqueles que pediram esclarecimento sobre a categoria “parda” na pergunta categorizada e sem definições, ao não receberem nenhuma explicação, distribuíram-se 1/3 como pardos e 2/3 entre as outras categorias de cor ou raça do IBGE. Metade desses últimos, ao tomarem conhecimento da definição da categoria “parda”, reenquadraram a si ou aos outros moradores do domicílio como pardos.

É notável que a categoria “parda” tenha sido a segunda mais acionada pelos informantes para a declaração de cor ou raça na categoria aberta. Quando analisamos a trajetória de pessoas declaradas como “pardas” nas duas primeiras respostas (aberta e primeira fechada) vemos que cerca de 90% se mantêm nessa categoria após a apresentação da definição de parda. Entre os informantes que inicialmente responderam outra categoria diferente de “parda”, observamos que a leitura desta definição teve um grande poder de atração que permitiu a migração de outras categorias para a cor ou raça parda.

Esses resultados sugerem que o conceito de pardo adotado para o teste não entra em conflito com o sentido que esses informantes atribuíam à categoria. A maioria dos moradores que migraram da categoria “parda” para outras categorias utilizadas pelo IBGE, acionaram argumentos de “ausência de ancestralidade negra” ou de “ancestralidade e origem”, fazendo ainda algumas referências à ideia de “mistura” presente na definição para justificar sua mudança de classificação. Indicando, portanto, que houve uma compreensão da definição de parda.

Ainda sobre a definição utilizada para a categoria “parda” soma-se a observação qualitativa que aponta algumas questões relativas à reação dos entrevistadores e informantes quanto à definição utilizada. A primeira dificuldade apareceu com o termo “miscigenação”, que inicialmente foi substituída pelos entrevistadores pelo termo “mistura”. Com certa frequência os observadores precisaram alertar os entrevistadores sobre a necessidade de uso do termo correto, conforme havia sido definido durante o período de instruções do teste.

Identificamos que embora o termo seja de difícil compreensão, os exemplos apresentados – “branco com preto”, “branco com índio”, “índio com preto”, “preto com qualquer outra cor ou raça” – facilitaram seu entendimento. Por outro lado, como a definição não abarcava todas as combinações possíveis frente à amplitude de possibilidades de miscigenação, algumas pessoas não se sentiam atendidas. Outros informantes apresentaram dificuldade de entendimento por não escutarem “parda” com uma cor ou raça dentre as opções de combinação com outras categorias, indicando que parte dos informantes parecem ter compreendido a definição apenas pelos exemplos. Em alguns casos, ao classificarem novamente todos os moradores do domicílio, os informantes respondiam com os próprios exemplos e não com o termo “parda”. Por fim, é necessário compreender melhor a influência da pergunta sobre origem ter sido realizada antes da pergunta de cor ou raça onde a definição de parda era apresentada.

A definição da categoria “parda” gerou um impacto relevante de 36,2% de redução no total de pessoas declaradas como amarelas. Por outro lado, podemos perceber que a apresentação da definição não foi suficiente para que todos os informantes que haviam declarado cor ou raça “amarela” reenquadrassem os moradores em outras categorias. Depreendemos assim que a escolha da categoria “amarela” não se deve apenas ao desconhecimento da definição de “parda”.

Em relação à categoria “amarela” o teste apontou algumas possibilidades de compreensão de possíveis razões que levaram a um aumento da captação de pessoas declaradas como amarelas quando comparamos os resultados dos Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010 com as dinâmicas demográficas de pessoas com origem oriental. Primeiramente, tanto o teste quanto a PCERP apontam para a existência de um processo de ressignificação da categoria “amarela” que desassocia a mesma de uma origem geográfica, relacionando-a a cor da pele ou fenótipo em geral. Essa ressignificação é operada pelos informantes pesquisados nesses dois exercícios, assim como pelas instituições públicas que classificam ou ratificam as classificações de cor ou raça dos beneficiários de serviços de saúde e assistência social, como as justificativas para a escolha dessa categoria apontam.

Contudo, não existe clareza se a tendência de aumento da captação de pessoas declaradas como amarelas se sustentará até o próximo censo. Por um lado, embora com um público restrito a estudantes que frequentavam em 2012 e 2015 o nono ano do ensino fundamental, a PeNSE mostra um peso de autodeclaração de amarelos superior ao do último censo demográfico, assim como uma estabilidade relativa dessa proporção aumentada no nível das Grandes Regiões e um aumento de 0,5 pontos percentuais quando considerados todos os municípios das capitais na relação entre 2015 (5,0% de amarelos) e 2012 (4,5% de amarelos).

Por outro lado, a análise longitudinal realizada neste relatório denota uma queda acentuada do número de amarelos se comparados os resultados do teste com os do Censo Demográfico de 2010. Podemos estabelecer duas hipóteses para compreender esta queda: a primeira diz respeito aos próprios procedimentos da coleta, em especial a implementação do DMC e seus possíveis rebatimentos no desenho do questionário; a segunda diz respeito à própria natureza instável da categoria “amarela” que concentra em si outros significantes além do conceito do IBGE. A sustentação das proporções de escolares autodeclarados amarelos na PeNSE e o fato da migração de pessoas que foram declaradas como amarelas no Censo Demográfico de 2010 não ser unicamente para a categoria “parda”, que se localiza próxima da “amarela”, mas também com peso significativo para a categoria “branca”, no Teste de Cor ou Raça de 2016, enfraquecem essa primeira hipótese. Por outro lado, as mudanças de posição dos municípios das capitais por proporção de escolares autodeclarados amarelos sem intermediação de agente de pesquisa quando comparados os anos de 2015 e 2012 reforçam a hipótese da instabilidade da categoria, hipótese essa alinhada com as observações qualitativas trazidas pelo presente teste.

Esta instabilidade, por sua vez, aparenta ser consequência da representação da categoria “amarela” como cor e não como indicativo de origem, como pudemos apurar durante as observações do trabalho de campo e da análise dos dados. Ao longo deste relatório indicamos a hipótese de a categoria “amarela” ser acionada pelos informantes como sendo uma cor localizada numa espécie de gradação entre as cores “branca” e “parda”. Esta gradação de cores seria formada entre as categorias “branca” e “preta” onde “parda” e “amarela” assumiriam posições intermediárias, sendo a primeira mais próxima da categoria “preta” e a segunda da categoria “branca”.

Analisando a trajetória das pessoas declaradas amarelas na categoria aberta ao longo desse teste, verificamos que elas não necessariamente continuam como amarelas quando a pergunta é categorizada e apresentada sem qualquer definição, ora vejamos: 5,4% escolheram “branca”; 18,9% “parda”; e 2,7% “indígena”. Se adicionarmos ainda as flutuações provocadas pela apresentação da definição da categoria “parda” e da categoria “amarela” – comparando apenas as pessoas declaradas como “amarelas” antes e depois das definições nos quesitos categorizados -, esta categoria perde 69,6% das pessoas e quatro pontos percentuais quando comparamos a distribuição inicial e final por cor ou raça da amostra do teste analisando apenas as perguntas categorizadas. Esses dados reforçam a ideia de instabilidade da categoria, considerando que sem a apresentação de qualquer definição a flutuação entre categorias é operada num nível superior à verificada para as demais categorias de cor ou raça.

A queda dos declarantes amarelos quando comparados ao Censo de 2010, longe de demonstrar uma solução para o problema, aponta especialmente a instabilidade desta categoria e revela que parte significativa dos informantes que declararam a si ou outra pessoa como de cor ou raça “amarela” no Censo Demográfico 2010 não associava esta categoria com uma dimensão de origem oriental, mas sim à supracitada lógica de gradação de cores.

Pensando ainda em termos de eficiência da definição da categoria “amarela”, identificamos que a definição tem um efeito significativo para o reenquadramento das pessoas declaradas como “amarelas”. Contudo, existe um conjunto de 21 pessoas que são mantidas como amarelas por 16 informantes ao final do teste. Estes informantes na sua maioria aparentam ter compreendido a definição, mas não a levaram em conta ao se classificar e aos demais moradores na última pergunta do teste, reforçando a hipótese de que outros significados atribuídos à categoria “amarela” se sobrepuseram à definição apresentada.

Salientamos ainda, que os resultados do teste reforçam a dimensão relacional que perpassa todas as categorias de cor ou raça, evidenciando que qualquer estímulo em alguma dessas categorias – seja através do questionário ou dos manuais -, se desdobra em impactos sistêmicos em todas as demais categorias. Portanto a avaliação das categorias em si, ou de suas definições não pode de forma alguma ser realizada de forma isolada.

Os resultados apresentados no presente relatório apontam para a necessidade de pensar a categoria “amarela” colocando em diálogo o conceito com o qual o IBGE vem operando e o significado atribuído à categoria pela sociedade. Esta ressignificação da categoria é operada pelos próprios agentes públicos, que classificam a cor ou raça dos cidadãos de modo distinto da definição do IBGE e influenciam a autodeclaração dos informantes.

Nesse mesmo sentido vimos que a apresentação da definição não foi suficiente para zerar os “falsos-positivos”. Parece importante abrir uma discussão com especialistas internos do IBGE e de outras instituições para pensar a pertinência da manutenção dessa categoria no quesito de “cor ou raça”.

Mantendo-se o conceito de amarelo hoje utilizado pelo IBGE e a categoria no quesito é preciso pensar como captar e divulgar o mesmo. Seria assim importante que na primeira prova piloto do censo fossem introduzidas algumas alternativas. De forma incipiente podemos apontar algumas possibilidades, contudo essas alternativas no nosso entendimento deveriam ser construídas no espaço de um grupo de trabalho, onde possíveis impactos para crítica, imputação e análise possam ser pensados.

Uma possibilidade seria uma pergunta de cobertura para todos aqueles declarados amarelos que apresentasse a definição de amarelo do IBGE e pedisse para a pessoa confirmar a sua escolha. Outra possibilidade seria perguntar se a pessoa declarada como amarela teria origem em algum dos países “orientais” citados na definição, caso a resposta fosse negativa seria possível apresentar a compreensão do IBGE para a categoria e pedir para a pessoa se reenquadrar, o que implicaria numa postura mais incisiva do IBGE perante o informante, com as possíveis implicações no decorrer do restante da entrevista. No limite, mantendo-se a categoria e a definição, com a pergunta de cobertura seria possível divulgar os dados de cor ou raça subdividindo as pessoas declaradas como amarelas entre aquelas que assinalaram origem oriental e as que assinalaram outra origem.

No que concerne à definição da categoria “parda”, esta precisaria ser testada num contexto de aplicação de questionário mais próximo de uma operação censitária, em que ela seria apresentada sob solicitação dos informantes e não previamente apresentada. Além disso, é necessária uma discussão mais ampliada sobre os impactos da introdução dessa definição nas pesquisas do IBGE com especialistas internos e externos.

Finalmente, consideramos oportuno salientar que a metodologia de observação desenvolvida e aplicada no teste de cor ou raça tem o potencial, no nosso entendimento, de otimizar o processo que o IBGE já realiza de observação em processos de testes, provas piloto e censos experimentais, visando a sua quantificação em categorias relevantes para complementar a análise quantitativa e para a produção de respostas e pistas sobre temas chave. Para tal é necessário um processo de capacitação específico sobre como realizar essa observação, o que implica em treinamento de observadores(as), elaboração de roteiros de observação, sistematização dessas informações através da construção de categorias, processo de observação qualitativa com uso de DMC através de pré-categorização e análise com concatenação de bases qualitativas e quantitativas.

Referências

- DAS, Veena. *Critical events. An anthropological perspective in contemporary India. Oxford Indian Paperbacks*, 1997.
- DUARTE, Luciano Tavares. *Possíveis fatores operacionais associados ao aumento da população amarela entre os Censos Demográficos de 2000 e 2010*. Rio de Janeiro: Gerência Técnica do Censo Demográfico (GTD), 2016.
- FOUCAULT, Michel. "Questions of method" In: Burchell, Graham; Gordon, Colin; Miller, Peter, eds. *The Foucault effect. Studies in governmentality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, pp.73-86.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas. *Metodologia do Censo Demográfico 2010*. IBGE, Rio de Janeiro, 2016 (2ªed.).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE): 2012*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa das Características Étnico-raciais da População: 2008*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas. *Metodologia do Censo Demográfico 2000*. IBGE, Rio de Janeiro, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas. *Metodologia do Censo Demográfico 1991*. IBGE, Rio de Janeiro, 1993.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *ABC do recenseamento: 1960*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico: Boletim de família. Recenseamento geral do Brasil de 1950*. [Rio de Janeiro]: IBGE, [1950].
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento geral de 1º de setembro de 1940: Boletim individual*. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1940.
- INSTRUÇÕES para o segundo recenseamento da população da República dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro: *Imprensa Nacional*, 1890.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 12ªed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio da pesquisa social*. In: GOMES, Suely F. D. R.; MINAYO, M. C. de S. (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 32ªed. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2012.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *Entrando e saindo da "mistura": os índios nos censos nacionais*. In: *Ensaios em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

PETRUCCELLI, José Luis. *A Cor denominada: estudos sobre a classificação étnico-racial*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

RECENSEAMENTO da população da República dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890. [Questionário do Censo]. [Rio de Janeiro]: *Directoria Geral de Estatística*, 1890.

RECENSEAMENTO Geral do Império em 1872: lista de família. [Rio de Janeiro]: *[Directoria Geral de Estatística do Império]*, 1872.

VIANNA, Adriana; FACUNDO, Ângela. *Tempos e deslocamentos na busca por justiça entre "moradores de favelas" e "refugiados"*. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 67, n. 2, June 2015.

FLEISS, Joseph L. *Statistical methods for rates and proportions*. New York: John Wiley, 1981. pp. 212-236.

Anexos

1 - Equipe do Teste de Cor ou Raça

2 - Quesito cor ou raça em pesquisas domiciliares

3 - Questionário do Teste de Cor ou Raça – 2016

4 - Relatório de Observação Teste Cor ou Raça

Anexo 1 - Equipe do Teste de Cor ou Raça

Coordenação da Cordenação Técnica do Censo Demográfico

Luís Carlos de Souza Oliveira

Claudia Maria Ferreira Nascimento

Coordenação do teste

Luciano Duarte Tavares

Gustavo Junger da Silva

Supervisão e desenho do teste

Gustavo Junger da Silva

Marta de Oliveira Antunes

Juliana de Souza Queiroz

Rodrigo Aires Lemes

Trabalho de campo

O teste foi composto de duas etapas que envolveram trabalho de campo, a primeira foi o Pré-teste realizado na comunidade do Rio das Pedras, localizada na zona oeste do município do Rio de Janeiro e que envolveu a seguinte equipe da CTD:

- Gustavo Junger da Silva
- Marta de Oliveira Antunes
- João José Amado Ramalho Junior
- Lilian Rose Rabello Ribas
- Paulo Ricardo Silva Moreira
- André Alves Gandolpho

A segunda etapa foi dividida entre dois municípios.

A equipe que atuou no município de Petrópolis foi:

- Juliana de Souza Queiroz
- Paulo Ricardo Silva Moreira
- André Alves Gandolpho
- Alexandre Dutra
- Rangel Rocha

A equipe que atuou em Volta Redonda foi:

- Marta de Oliveira Antunes
- Sofia Machado Monti
- Vinicius Ribeiro
- Rodrigo de Souza
- Douglas Vanderlei dos Santos

O trabalho de campo contou ainda com todo o apoio operacional das agências de Petrópolis e de Volta Redonda.

Análise do Pré-teste de Rio das Pedras

Andrea da Silva Borges

Desenho de aplicativo

Wanderson Suzart da Costa

Banco de dados, processamento e tabulações

Rodrigo Aires Lemes

Carlos José da Fonseca Caride

Ricardo Luiz Cardoso

Paulo Ricardo Silva Moreira

Marta de Oliveira Antunes

Gustavo Junger da Silva

Juliana de Souza Queiroz

Lilian Rose Rabello Ribas

João José Amado Ramalho Junior

Nelson Cardoso Osório Neto

Análise do teste e elaboração do relatório final

Gustavo Junger da Silva

Marta de Oliveira Antunes

Juliana de Souza Queiroz

Rodrigo Aires Lemes

Paulo Ricardo Silva Moreira

Anexo 2 – Quesito cor ou raça em pesquisas domiciliares

Pesquisa	Quesito	Questionário		Manual
POF 2008-2009 e POF simplificada	A cor ou raça do(a) _____ é	Branca	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> como branca.
		Preta	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> como preta.
		Amarela	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> como amarela (de origem japonesa, chinesa, coreana etc.). Esclareça a pessoa, quando necessário, que a classificação amarela não se refere à pessoa que tenha a pele amarelada por sofrer de moléstia como impaludismo, malária, amarelão, etc.
		Parda	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> como parda ou se declarar como mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de negro com pessoa de outra cor ou raça.
		Indígena	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> como indígena ou índia. Esta classificação aplica-se tanto aos indígenas que vivem em aldeamento como aos que vivem fora de aldeamento.
		Não sabe	s/d	Quando a pessoa não souber informar a cor ou raça.
PCERP 2008	Dentre as seguintes alternativas, você se reconhece ou se identifica como de cor ou raça: (assinale quantas opções desejar)	Afrodescendente	s/d	s/d
		Indígena	(s/d) Se sim perguntava etnia e língua falada	s/d
		Amarelo	(s/d) Se sim perguntava "Origem geográfica familiar: (japonesa, chinesa, coreana,	s/d
		Negro	s/d	s/d
		Branco	s/d	s/d
		Preto	s/d	s/d
		Pardo	s/d	s/d
Censo Demográfico 2010	A sua cor ou raça é: (com filtro para terra indígena para pergunta de cobertura "você se considera indígena" e perguntas específicas para quem se declara ou é declarado como indígena)	Branca	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> branca.
		Preta	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> preta.
		Amarela	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> de cor amarela (de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana, etc.).
		Parda	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> parda.
		Indígena	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> indígena ou índia. Esta classificação se aplica tanto aos indígenas que vivem em terras indígenas como aos que vivem fora delas.
PNS 2013	Cor ou raça:	Branca	s/d	s/d
		Preta	s/d	s/d
		Amarela	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como de raça amarela, isto é, de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana etc.
		Parda	s/d	s/d
		Indígena	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como indígena ou índia. Esta classificação aplica-se tanto aos indígenas que vivem em terras indígenas como aos que vivem fora delas.

Pesquisa	Quesito	Questionário		Manual
PNAD 2014	A cor ou raça do(a) _____ é:	Branca	s/d	s/d
		Preta	s/d	s/d
		Amarela	(Origem japonesa, chinesa, coreana etc.)	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como de raça amarela, isto é, de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana etc.
		Parda	(Mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça.)	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como parda ou se declarar como mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça.
		Indígena	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como indígena ou índia.
PME 2014	Quadro de moradores com espaço de preenchimento de "cor ou raça"	Branca	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como branca.
		Preta	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como preta.
		Amarela	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como de raça amarela (de origem japonesa, chinesa, coreana etc.)
		Parda	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como parda ou se declarar como mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça.
		Indígena	s/d	Para a pessoa que se <u>enquadrar</u> como indígena.
PNAD Contínua 2016	Cor ou raça:	Branca	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> branca.
		Preta	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> preta.
		Amarela	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> de cor amarela (de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana etc.).
		Parda	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> como parda.
		Indígena	s/d	Para a pessoa que se <u>declarar</u> indígena ou índia. Esta classificação aplica-se tanto aos indígenas que vivem em terras indígenas como aos que vivem fora delas.

2		RELAÇÃO DE MORADORES					
Qual o nome do primeiro morador(responsável pelo domicílio)?							
2.01 N° de ordem	2.02 Nome do morador	2.03 Condição no domicílio			2.04 Percepção do entrevistador quanto a cor ou raça do morador		
01							
02							
03							
04							
05							
06							
07							
08							
09							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							
Condição no domicílio:		Cor ou raça segundo a percepção do entrevistador em relação aos moradores com os quais manteve contato visual no momento da relação de moradores					
01 - Pessoa responsável pelo domicílio		Branco	Preto	Amarelo	Pardo	Indígena	Ausente
02 - Cônjuge ou companheiro(a) de sexo diferente							
03 - Cônjuge ou companheiro(a) do mesmo sexo							
04 - Filho(a) do responsável e do(a) cônjuge							
05 - Filho(a) somente da pessoa responsável							
06 - Enteado(a)							
07 - Genro ou nora							
08 - Pai, mãe, padrasto ou madrasta							
09 - Sogro(a)							
10 - Neto(a)							
11 - Bisneto(a)							
12 - Irmão ou irmã							
13 - Avô ou avó							
14 - Outro parente							
15 - Agregado(a)							
16 - Convivente							
17 - Pensionista							
18 - Empregado(a) doméstico(a)							
19 - Parente do(a) empregado(a) doméstico(a)							
20 - Individual em domicílio coletivo							

3	PARA TODA PESSOA
3.01 - Qual número de ordem do informante?	
<input type="text"/> Nº de ordem	
3.02 - Sexo do morador:	
<input type="checkbox"/> 1 - Masculino <input type="checkbox"/> 2 - Feminino	
3.03 - Qual é a idade de...?	
<input type="text"/>	
3.04 - A sua cor ou raça é:	
<input type="text"/>	
3.05 - Qual a nacionalidade de...?	
<input type="checkbox"/> 1 - Brasileira <input type="checkbox"/> 2 - Estrangeira siga para 3.051 siga para 3.052	
3.051 - Qual a unidade da federação (Estado) onde....nasceu?	
<input type="text"/>	
Combo com as Unidades da Federação, Naturalizado e Não Sabe	
3.052 - País de nascimento	
<input type="text"/>	
4	PARA TODA PESSOA
4.01 - A sua cor ou raça é:	
<input type="checkbox"/> 1 - Branca <input type="checkbox"/> 2- Preta <input type="checkbox"/> 3 - Amarela <input type="checkbox"/> 4 - Parda <input type="checkbox"/> 5 - Indígena	
Atenção: No quesito seguinte, deve ser feita a pergunta que se adapta à resposta do quesito 4.01. Se a resposta foi "parda" ou "amarela"	
4.02A - Porque respondeu que ".... É da cor parda"?	
ou	
4.02B - Porque respondeu que ".... É da cor amarela"?	
<input type="text"/>	
<input type="text"/>	
PERGUNTAS PARA O ENTREVISTADOR / COM RELAÇÃO SOMENTE AO RESPONSÁVEL	
4.03 - Foi necessário repetir a pergunta sobre cor ou raça (quesito 4.01) para o(a) _____?	
<input type="checkbox"/> 1 - Sim <input type="checkbox"/> 2 - Não	
4.04 - O(A) Informante esperou que todas as categorias de respostas sobre cor ou raça (quesito 4.01) fossem listadas?	
<input type="checkbox"/> 1 - Sim <input type="checkbox"/> 2 - Não	
4.05 - O(A) Informante pediu esclarecimentos sobre o que se entende por alguma das categorias de resposta apresentadas para _____?	
<input type="checkbox"/> 1 - Sim (siga 4.051) <input type="checkbox"/> 2 - Não	
4.051 - Em relação ao morador _____ para qual opção de cor ou raça o informante pediu esclarecimentos? (admite mais de uma marcação)	
<input type="checkbox"/> 1 - Branca <input type="checkbox"/> 2- Preta <input type="checkbox"/> 3 - Amarela <input type="checkbox"/> 4 - Parda <input type="checkbox"/> 5 - Indígena	
4.06 - O(A) informante teve dificuldade de classificar _____ em alguma das categorias apresentadas?	
<input type="checkbox"/> 1 - Sim <input type="checkbox"/> 2 - Não	
PERGUNTAS PARA O ENTREVISTADOR /COM RELAÇÃO AOS OUTROS MORADORES	
4.05 - O(A) Informante pediu esclarecimentos sobre o que se entende por alguma das categorias de resposta apresentadas para _____?	
<input type="checkbox"/> 1 - Sim (siga 4.051) <input type="checkbox"/> 2 - Não	
4.051 - Em relação ao morador _____ para qual opção de cor ou raça o informante pediu esclarecimentos? (admite mais de uma marcação)	
<input type="checkbox"/> 1 - Branca <input type="checkbox"/> 2- Preta <input type="checkbox"/> 3 - Amarela <input type="checkbox"/> 4 - Parda <input type="checkbox"/> 5 - Indígena	
4.06 - O(A) informante teve dificuldade de classificar..... em alguma das categorias apresentadas?	
<input type="checkbox"/> 1 - Sim <input type="checkbox"/> 2 - Não	

Anexo 4 – Relatório de Observação Teste Cor ou Raça



TESTE COR OU RAÇA – 2016

MUNICÍPIO:	SETOR:
ENDEREÇO:	
DATA DA ENTREVISTA: 09/05/2016	NÚMERO DO QUESTIONÁRIO:
RECEUSEADOR:	OBSERVADOR:

RELATÓRIO DO/A OBSERVADOR/A

Nº de ordem	Lista de Moradores	Cor ou raça (Hetero-classificação)	Cor ou raça (opções do IBGE)	Cor ou raça (Após a leitura def. parda)	Cor ou raça (Após a leitura def. amarela)
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					

LISTA DE ITENS

- a) **Reação inicial à abordagem** (Informante com pressa? Acesso ao domicílio? Etc.)
- b) **Reação à pergunta aberta de cor ou raça (3.04) e resposta à mesma** (verbalizada e não-verbalizada)
- c) **Reação à pergunta fechada de cor ou raça (4.01)** (verbalizada e não-verbalizada)
- d) **Resposta aos quesitos 4.02A e 4.02B** (Por que se classificou parda ou amarela) com identificação do número de ordem?
- e) **Reação à leitura da definição de cor ou raça PARDA** (verbalizada e não-verbalizada)
- f) **Justificativa dada para o caso de mudança de declaração de cor ou raça após a leitura da definição de cor ou raça PARDA**
- g) **Reação à leitura da definição de cor ou raça AMARELA** (verbalizada e não-verbalizada)
- h) **Justificativa dada para o caso de mudança de declaração de cor ou raça após a leitura da definição de cor ou raça AMARELA**
- i) **Caso a opção indígena seja selecionada em qualquer das rodadas de perguntas de cor ou raça, pergunte ao final a razão para essa seleção**

Equipe técnica

Diretoria de Pesquisas

Responsáveis técnicos do estudo

Gustavo Junger da Silva

Juliana de Souza Queiroz

Marta de Oliveira Antunes

Coordenação Técnica do Censo Demográfico

André Alves Gandolpho

Andrea da Silva Borges

Carlos José da Fonseca Caride

Claudia Maria Ferreira Nascimento

João José Amado Ramalho Junior

Lilian Rose Rabello Ribas

Luciano Duarte Tavares

Luís Carlos de Souza Oliveira

Nelson Cardoso Osório Neto

Paulo Ricardo Silva Moreira

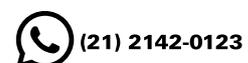
Ricardo Luiz Cardoso

Rodrigo Aires Lemes

Sofia Machado Monti

Wanderson Suzart da Costa

Se o assunto é **Brasil**,
procure o **IBGE**.



www.ibge.gov.br 0800 721 8181

ISBN 978-85-240-4650-6



9 788524 046506